

A PRIMEIRA
VIAGEM HISTÓRICA
DA GLOBALIZAÇÃO

THE HISTORIC
FIRST JOURNEY
OF GLOBALISATION

ISSN 1682-1106



9 771682 110004

17

Edição Internacional
International Edition

Revista de Cultura
Review of Culture



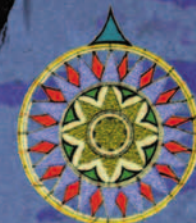
RC

Revista de Cultura
Review of Culture

International Edition 17

Edição Internacional 17 Janeiro/January 2006

INSTITUTO CULTURAL do Governo da R.A.E. de Macau



*Dux ego, classis, in nomine Regis,
Missus in tus lates, requora terras:
Plurimaque nobis, appar, ula; tandem
Ad freta, omine dicta.
Ipsa Magell, ca reseruat
Australis, in illa.*

THE HISTORIC FIRST JOURNEY OF GLOBALISATION

A PRIMEIRA VIAGEM HISTÓRICA DA GLOBALIZAÇÃO

EDITOR**Publisher**

INSTITUTO CULTURAL
do Governo da Região Administrativa
Especial de Macau

CONSELHO DE DIRECÇÃO**Editorial Board**

Heidi Ho, Marie MacLeod,
Luís Ferreira, Charles Lam,
Wong Io Fong e Paulo Coutinho
rci@icm.gov.mo

COORDENADOR**Co-ordinator**

Luís Ferreira
LuisF@icm.gov.mo

Edição Internacional / International Edition**EDITOR EXECUTIVO****Executive Editor**

Paulo Coutinho
PauloC@icm.gov.mo

Edição Chinesa / Chinese Edition**EDITOR EXECUTIVO****Executive Editor**

Wong Io Fong

DIRECTOR GRÁFICO**Graphic Director**

Victor Hugo Marreiros
VictorHugoM@icm.gov.mo

CONCEPÇÃO GRÁFICA**Graphic Design**

Grace Lei
Angela Wong

SEPARAÇÃO DE CORES**Color Separation**

Tipografia Macau Hung Heng Ltda.
hhengpcl@macau.ctm.net

IMPRESSÃO**Printing**

Tipografia Macau Hung Heng Ltda.
hhengpcl@macau.ctm.net

TIRAGEM**Print Run**

2000

REDACÇÃO E SECRETARIADO**Publisher's Office**

INSTITUTO CULTURAL
do Governo da R.A.E. de Macau
SEP - Sector de Edições Periódicas
Praça do Tap Seac, Edifício do Instituto Cultural, Macau
Tel: (853) 3996310
Fax: (853) 366896
Email: rci@icm.gov.mo
Internet: <http://www.icm.gov.mo>

RC é uma revista de Cultura e, domínio do Espírito, é Livre. Avassalada ao encontro universal das culturas, servente da identidade cultural de Macau, agente de mais íntima relação entre o Oriente e o Ocidente, particularmente entre a China e Portugal. RC propõe-se publicar todos os textos interessantes aos objectivos confessados, pelo puro critério da qualidade. Assim, as opiniões e as doutrinas, expressas ou professas nos textos assinados, ou implícitas nas imagens de autoria, são da responsabilidade dos seus autores, e nem na parte, nem no todo, podem confundir-se com a orientação da RC. A Direcção da revista reserva-se o direito de não publicar, nem devolver, textos não solicitados.

RC é uma revista trimestral, simultaneamente publicada nas versões Chinesa e Internacional (em Português e Inglês). Buscando o diálogo e o encontro francos de Culturas, RC tem na limpidez a vocação e na transparência o seu processo.

RC is a cultural magazine published quarterly in two versions—Chinese and International (Portuguese/English)—whose purpose is to reflect the unique identity of Macao. The magazine also seeks to promote freedom of expression and through the articles published we hope to stimulate ideas and discussion of topics related to Western/Eastern cultural interchange, especially between China and Portugal.

RC publishes articles covering an extensive range of topics expressing a diversity of views. However, RC is not responsible for ideas and opinions voiced in these articles and thus they cannot be taken as editorial opinion. In addition, we reserve the right to withhold any unsolicited text from publication and the right not to return any unsolicited text.



Assine a Revista de Cultura

Subscribe to
Review of Culture



Preços / Rates

Exemplar Avulso / Single Copy

Macau

MOP 80,00

Ásia / Asia

via aérea / air mail

US\$ 23,00

via marítima / surface mail

US\$ 14,00

Outros países / Other countries

via aérea / air mail

US\$ 29,00

via marítima / surface mail

US\$ 16,00

Assinatura / Subscription

(4 números / issues)

Macau

MOP 160,00

Ásia / Asia

via aérea / air mail

US\$ 72,00

via marítima / surface mail

US\$ 36,00

Outros países / Other countries

via aérea / air mail

US\$ 96,00

via marítima / surface mail

US\$ 44,00

A globalização do conhecimento começou em Macau no século XVI quando os *saberes* do Oriente e do Ocidente se cruzaram nesta terra singular do Sul da China.

No século XXI, o intercâmbio cultural entre os *dois mundos* continua a ser a vocação de Macau.

A *Revista de Cultura* é o veículo dessa vocação.

Knowledge entered into an age of globalisation in Macao in the 16th century when the *wisdoms* of East and West met in this unique part of South China.

In the 21st century, Macao remains dedicated to cultural interchange between *both worlds* in a vocation maintained by *Review of Culture*.



Para fazer a assinatura ou para a compra de números atrasados, s.f.f. preencha e envie o formulário destacável que encontrará nas últimas páginas desta edição.

To subscribe or to purchase back issues, please fill in and mail the form available at the end of this issue.

CONTACTOS

Contacts

Email: rci@icm.gov.mo

Tel: 853-3996310

Fax: 853-366896

COLABORARAM NESTE NÚMERO

Contributors to this Issue

RC, n.º 17, IIIª Série, 1.º Trimestre 2006
RC, no. 17, IIIrd Series, 1st Quarter 2006

CONSULTOR

Consultant

Ivo Carneiro de Sousa

TEXTO

Texts

Bernardita Reyes Churchill
Digna Balangue Apilado
Fidel Villarroel
Francisco Roque de Oliveira
Ivo Carneiro de Sousa
Jin Guo Ping
José Manuel Garcia
Resil B. Mojares

TRADUÇÃO

Translation

PHILOS - Comunicação Global, Lda.
(Português-Inglês)

REVISÃO

Proofreading

Chao Siu Fu (Chinês),
Luís Ferreira (Português),
Cathryn Hope Clayton e T. Rex Wilson
(Inglês)

AGRADECIMENTOS

Acknowledgements

Bibliothèque Nationale de France
Centro Português de Estudos do Sudeste
Asiático (CEPESA)
Câmara Municipal de Cascais - Museu
Conde Castro Guimarães
Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre
do Tombo, Lisboa
Instituto Português do Património
Arquitectónico / Biblioteca da Ajuda,
Lisboa
Istituto e Museo di Storia della Scienza,
Florença
Kunsthistorisches Museum, Viena
University of Santo Tomas, Manila



Design Victor Hugo Marreiros

A NOSSA CAPA

A viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães (1519 -1522) é, porventura, a mais famosa e internacionalmente celebrada expedição marítima da história da humanidade. Além da razão óbvia – o seu pioneirismo –, uma razão mais profunda terá concorrido para que o feito de Magalhães fosse tão reconhecido e estudado em todo o mundo. Pela primeira vez, uma armada europeia e, fundamentalmente, ibérica deixava o “velho continente” com propósitos e orientações mais largos do que a descoberta e conquista de novas terras e novas riquezas: no cerne desta empresa marítima estava uma genuína vontade de “troca”. “Troca” de mercadorias, sim, mas “troca” também de saberes e tecnologias. Os relatos da viagem que chegaram até nós, por um lado, pormenorizam os sítios e as gentes por onde a armada de Magalhães foi passando, num claro intuito de constituir um conhecimento, diremos hoje, antropológico sobre os povos “visitados” e, por outro, dão conta dos esforços feitos no sentido de satisfazer a curiosidade destes sobre o pensamento e os modos dos europeus “visitadores”. Décadas mais tarde, o estabelecimento de Macau, urdido numa teia de “trocas” comerciais e culturais, como que viria prosseguir este desiderato. Revisitar a grande aventura de Fernão de Magalhães – como a primeira “viagem da globalização” – é o tema que vimos, assim, propor aos nossos leitores. E uma das mais notáveis e duradouras consequências desta pioneira viagem foi o desenvolvimento da cartografia, daí a inclusão também neste sumário de um demorado estudo sobre os mapas de Macau, chineses e europeus, dos séculos XVI e XVII.

OUR COVER

Ferdinand Magellan's circumnavigation of the globe (1519-1522) is the most renowned, and internationally celebrated, voyage in the history of humankind. The profound repercussions of his pioneering feat have made it a focus for research across the world. This was the first time that a European (predominantly Iberian) fleet left the “old” world with goals that went beyond simply finding and claiming new lands and new sources of wealth. At the heart of this maritime endeavour lay a genuine desire to engage in exchange: exchange of merchandise, of course, but also the exchange of knowledge and know-how. Surviving travel accounts describe in detail the places and people encountered by Magellan's fleet, in a desire to collect what could be described as anthropological knowledge on the people visited, while attempting to satisfy their curiosity vis-à-vis the ideas and manners of the European visitors. Decades later, Macao's emergence out of this web of trading, religious and cultural exchanges would bring this intent to fruition. By examining Ferdinand Magellan's great adventure as the first “voyage of globalisation”—the intent of this issue of RC—there is an opportunity to understand more about the lasting consequences of his voyage. Since cartography was one area in which outstanding advances were made as a result of his efforts, this issue also includes a detailed study of Chinese and European maps of Macao from the 16th and 17th centuries.

SUMÁRIO

Index



A PRIMEIRA VIAGEM HISTÓRICA DA GLOBALIZAÇÃO THE HISTORIC FIRST JOURNEY OF GLOBALISATION

6 APRESENTAÇÃO / FOREWORD

编者前言

Ivo Carneiro de Sousa

23 SEEDS OF CHANGE, SEEDS OF EXCHANGE. MAGELLAN'S VOYAGE AND THE PHILIPPINES

变迁之籽，交流之籽—麦哲伦航海与菲律宾

Bernardita Reyes Churchill

32 A VIAGEM DE FERNÃO DE MAGALHÃES E A CONTRA-VIAGEM MANUELINA (1519-1522)

NOVOS PROBLEMAS, PERSPECTIVAS E DEBATES

麦哲伦之航与马努埃尔之对向航行 (1519-1522)：新问题, 透视与辩论

José Manuel Garcia

54 PEREGRINATIO, PECADO, SEXUALIDADE E MENTALIDADE MERCANTIL.

DISCUTINDO O LIVRO DE ANTONIO PIGAFETTA SOBRE A GRANDE VIAGEM DE FERNÃO DE MAGALHÃES

安东尼奥·皮加费塔关于麦哲伦之航一书之讨论：远游，罪恶，性与商人心理

Ivo Carneiro de Sousa

67 THE PHILIPPINE ISLANDS ACCORDING TO PIGAFETTA

皮加费塔心目中的菲律宾群岛

Resil B. Mojares

84 A GRANDE AVENTURA DE FERNÃO DE MAGALHÃES NA CRONÍSTICA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI

16世纪葡国编年史中的麦哲伦冒险之旅

José Manuel Garcia

105 FERNÃO DE MAGALHÃES AND FRAY BARTOLOMÉ DE LAS CASAS. THEIR CONVERGENCE
IN THE PHILIPPINES

麦哲伦与卡萨斯一会聚菲律宾

Fidel Villarroel

114 THE FERNÃO DE MAGALHÃES EXPEDITION IN THE PHILIPPINES. A GLOBALIZING EVENT

全球大事：麦哲伦考探菲律宾

Digna Balangue Apilado

CARTOGRAFIA / CARTOGRAPHY

119 AS MOLUCAS, AS FILIPINAS E OS CORREDORES DOS MARES DO SUL DA CHINA NA CARTOGRAFIA

PORTUGUESA ENTRE 1537 E 1571. REPRESENTAÇÕES CRUZADAS DE INTERESSES DIVERGENTES?

1537至1571年间在葡国地图绘制中的摩鹿加，菲律宾以及中国南海通道。利益分歧的交叉表现？

Ivo Carneiro de Sousa

133 MAPAS DE MACAU DOS SÉCULOS XVI E XVII. INVENTÁRIO, DESCRIÇÃO E ANÁLISE COMPARATIVA
DE ESPÉCIMES CARTOGRÁFICOS EUROPEUS E CHINESES

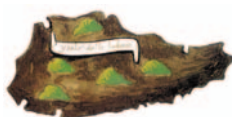
16-17 世纪的澳门地图：中国与欧洲地图绘制特点之对比分析

Francisco Roque de Oliveira e Jin Guo Ping

170 RESUMOS

172 ABSTRACTS

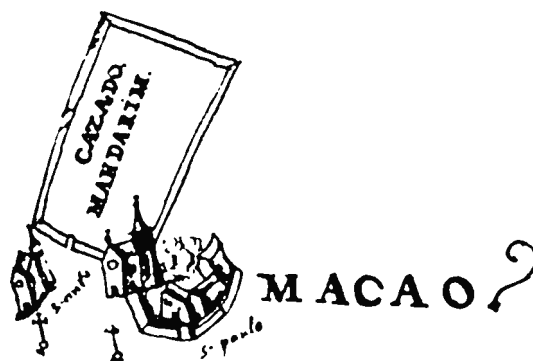
175 ÍNDICE DE AUTORES N.ºs 13-16 / AUTHORS INDEX NOS. 13-16



Mapas de Macau dos Séculos XVI e XVII

Inventário, Descrição e Análise Comparativa de Espécimes Cartográficos Europeus e Chineses

FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA* E JIN GUO PING**



IDEIAS PRÉVIAS

Neste artigo iremos inventariar e descrever brevemente os principais espécimes cartográficos europeus e chineses dos séculos XVI e XVII que cuidaram da representação de Macau. Concentrar-nos-emos, sobretudo, naqueles mapas, plantas e vistas panorâmicas cuja escala permite vislumbrar a mancha urbana e/ou os principais pormenores do edificado. A partir daí, centraremos a nossa leitura na identificação da origem e da fortuna dos principais modelos reproduzidos. No seu

conjunto, trata-se de um espólio muito menos divulgado que os desenhos e pinturas de Macau realizados durante os séculos XVIII e XIX, das conhecidas plantas de fortalezas da primeira metade de setecentos guardadas no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, aos vários óleos anónimos oitocentistas da chamada Escola de Macau, passando pelos esboços pitorescos de George Chinnery (Londres, 1774-Macau, 1852). Ainda assim, os objectos aqui seleccionados possuem uma importância indiscutível, bastando lembrar que, independentemente da maior ou menor exactidão das respectivas representações, constituem os únicos testemunhos visuais contemporâneos dos primeiros dois séculos da existência do território que chegaram até aos dias de hoje.

Como ponto de partida para o nosso inquérito dispomos das imagens de Macau recolhidas por Charles R. Boxer no livro *Macau na Época da Restauração* (Macau, 1942) e por Luís Silveira no volume III do seu *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar* (Lisboa, 1956). Dispomos também das imagens e reflexões que Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota dedicaram à maioria dos documentos portugueses reproduzidos nestes dois títulos e que dispersaram pelos

* Doutorado em Geografia Humana pela Universitat Autònoma de Barcelona (Espanha). Investigador do Centro de História de Além-Mar, Universidade Nova de Lisboa. Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal).

Ph.D. in Human Geography from Barcelona's Universitat Autònoma. Researcher at the Centre for Overseas History at Lisbon's Universidade Nova. Currently holds a scholarship from the Foundation for Science and Technology (Portugal).

** 金国平 Tradutor e investigador da História de Macau e da História das Relações Sino-Portuguesas. Licenciado em Linguística Hispânica pela Universidade de Línguas Estrangeiras de Pequim e pós-graduado em Língua e Cultura Portuguesa pela mesma Universidade.

Translator and researcher of the History of Macao and of the History of Sino-Portuguese Relations. He holds a degree in Hispanics from Beijing University of Foreign Studies and a post-graduate diploma in Portuguese Language and Culture awarded by the same university.

CARTOGRAFIA

tomos IV e V dos *Portugaliae Monumenta Cartographica* (Lisboa, 1960).

Depois de somados os catálogos proporcionados por estas três obras de referência, constatámos que apenas acontece uma ou outra omissão menor no que toca aos exemplares de cartografia europeia conhecidos. No entanto, em qualquer dessas mesmas obras excluiu-se a cartografia chinesa de Macau

referente ao período que tratamos. Ora, isso não só significa o esquecimento de alguns dos mais interessantes mapas que retrataram Macau nos seus primórdios, como sucede que uma das mais interessantes ilações que uma análise conjunta de mapas ocidentais e orientais permite retirar prende-se com o modo como o modelo europeu que denominaremos “de Pedro Barreto de Resende” foi

transformado pela mão de artífices e desenhadores chineses ou apropriado como fonte de informação específica sobre Macau por alguns dos protagonistas do poder central chinês. A inversa não é menos verdadeira, conforme constatará quem notar as influências chinesas acolhidas na carta regional, com o traçado do delta dos rios do Oeste e das Pérolas e a península de Macau, que o português Jorge Pinto de Azevedo inseriu entre as páginas de um célebre manuscrito que endereçou ao rei D. João IV de Portugal, em meados do século XVII.

São frequentes os ensaios que se propõem reconstituir as características e a evolução da malha



Fig. 1 - Planta de Macau, incluída num Atlas Miscelânea com trabalhos do cartógrafo luso-malaio Manuel Godinho de Erédia (manuscrito de c. 1615-c. 1622, desaparecido). Talvez seja a mais antiga imagem da península de Macau depois de consumado o estabelecimento dos portugueses. Este esboço tanto poderá ter sido cópia de um mapa existente em Goa, como de um protótipo cedido a Erédia por alguém que conhecesse o terreno. In Armando Cortesão & Avelino Teixeira da Mota (eds.), *Portugaliae Monumenta Cartographica [PMC]*, vol. 3, Lisboa, [s. n.], 1960, est. 270.



Fig. 2 - Planta de Macau de Pedro Barreto de Resende, incluída no *Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades, e Povoações do Estado da Índia Oriental* de António Bocarro (manuscrito de 1635, Biblioteca Pública de Évora, Portugal). O desenho oferece uma representação muito detalhada de Macau da época em que, na sequência dos ataques holandeses de 1603-1622, se concluiu a construção das principais fortificações (1622-1638). Esta composição serviu de modelo para inúmeras imagens do território divulgadas até ao século XIX, tanto europeias como chinesas. In Luís Filipe Barreto, *Cartografia de Macau. Séculos XVI e XVII*, p. 31 (não numerada).

urbana do território macaense – ou, pelo menos, a cronologia do aparecimento de certos traçados viários e de algum edificado – tomando como referência os sinais fixados na cartografia coeva. Ainda que se trate de uma tarefa por demais aliciante, os resultados deste tipo de exercício tendem a ser decepcionantes. De resto, outra coisa não seria de esperar. É que, como também veremos, a maioria das imagens de Macau disponíveis para este período tende a confrontar-se com uma de duas limitações recorrentes: ou constitui uma cópia de imagens mais antigas (a dita questão da perpetuação dos modelos) ou não chega a tirar partido do conhecimento efectivo do terreno por parte do cartógrafo, ou de quem actuou como seu informador, porque a escala escolhida condiciona uma simplificação considerável dos pormenores urbanos representados. No caso específico da cartografia chinesa tradicional acontece ainda a interferência de formas simbólicas de representação do espaço, as quais – junto com padrões estéticos não menos

próprios – fazem com que a generalidade destes exemplares não possam ser interpretados com os mesmos critérios que usamos para a leitura dos mapas ocidentais. Apesar de toda a força que as imagens possuem será sempre útil ter presente estas diferenças de raiz e as incompatibilidades que elas geram.

PRIMEIROS MODELOS PORTUGUESES

Tanto quanto se conhece, Macau aparece mencionado pela primeira vez na cartografia europeia num mapa da Ásia Oriental (de Ceilão ao Japão) que o cartógrafo luso-indiano Fernão Vaz Dourado desenhou em 1570, ou seja, pouco mais de uma década depois deste estabelecimento português se ter afirmado como a principal plataforma para o comércio sino-nipónico (*Atlas Universal*, The Huntington Library, San Marino, Califórnia)¹. Numa série de cartas náuticas do mesmo espaço geográfico, datadas de entre 1571 e 1580, Vaz

CARTOGRAFIA

Dourado repete a inscrição do topónimo “macao” que aí aparecera, colocando-o sempre sobre a margem esquerda do delta do rio do Oeste. Porém, a escala empregue em todas estas representações não permite o registo de quaisquer pormenores da respectiva estrutura urbana.

Se exceptuarmos os múltiplos elementos sobre a ocupação do sítio, facultados pela documentação escrita que foi sendo produzida desde os primórdios da presença lusa em Macau, é possível que a mais antiga sugestão visual individualizada e não fantasiosa da península de Macau de que há notícia seja um desenho saído da mão de outro cartógrafo luso-asiático, Manuel Godinho de Erédia. Trata-se do esboço cartográfico

incluído num atlas-miscelânea de c. 1615-c. 1622, que pertenceu à colecção de Carlos M. Machado Figueira (Lisboa), mas cujo paradeiro se desconhece (Fig. 1). Este esboço tanto poderá ter sido cópia de um mapa existente em Goa como de um protótipo cedido a Erédia por alguém que conhecesse o terreno².

O traçado de Godinho de Erédia é pouco detalhado, tal como o confirma a ausência de casas de habitação na zona ocupada pelos europeus, as quais, mesmo que precárias, se sabe terem sido erigidas em grande número logo nas décadas de 1560 e 1570. Apesar disso, torna nítida a coexistência de uma cidade cristã e de uma cidade chinesa, separadas uma da outra, mas preenchendo toda a área entre a Praia Grande e a

Fig. 3 - Planta de Macau de autor anónimo, realizada a partir do desenho original de Pedro Barreto de Resende e incluída no *Livro do Estado da Índia Oriental* (manuscrito de c. 1636, Bibliothèque Nationale, Paris). In Luís Filipe Barreto, *Cartografia...*, p. 35 (não numerada).





Fig. 4 - Planta de Macau de autor anónimo, xilogravada, realizada a partir do desenho original de Pedro Barreto de Resende e incluída no vol. III da *Ásia Portuguesa* de Manuel de Faria e Sousa (Lisboa, 1675). In Isabel Cid, *Macau e o Oriente na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora (Séculos XVI a XIX)*, p. 21.

Praia Pequena. Regista os perímetros murados da residência mandarinal e da cerca que os jesuítas fizeram levantar no monte de São Paulo, a qual foi concluída por volta de 1606 e antecedeu a fortaleza do Monte (por seu turno, praticamente terminada em 1622). Marca também as principais igrejas, ermidas e/ou baterias nos pontos elevados (Nossa Senhora da Guia, São Francisco, Barra) tal como o sítio do templo chinês da Barra (Ma Kok Miu/Ma Ge Miao, ou Templo da Deusa A-Má), encravado entre a colina da Barra e o “sorgidoro” (Porto Interior). Na margem Norte, entre um denso arvoredo e o istmo, marca ainda algumas casas, representando a aldeia chinesa de Wangxia (Mongha).

Há que notar que este esboço está inserido numa série de cartas relativamente homogênea, antecedida por um frontispício com o título *Livro de Plataforma das Fortalezas da Índia*. É certo que a planta de Macau dada por Erédia nada tem do rigor das várias plantas de fortalezas que encontramos nesta série. No entanto,

pormenoriza todos os pontos da península com valia estratégica, possibilitando uma leitura eminentemente militar do conjunto. É crível que se tratasse de um apontamento para um desenho mais consistente do sistema defensivo, interrompido por falta de elementos.

É ainda através da iconografia portuguesa que temos as representações mais aproximadas e detalhadas de Macau da época em que, na sequência dos ataques holandeses de 1603-1622, se concluiu a construção das principais fortificações (1622-1638). O modelo de referência corresponde à planta desenhada por Pedro Barreto de Resende, funcionário da Matrícula Geral de Goa e secretário pessoal do vice-rei D. Miguel de Noronha. Esta planta (Fig. 2) foi concebida para ilustrar o *Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades, e Povoações do Estado da Índia Oriental*, que o cronista da Índia António Bocarro compilou em 1635 a pedido do rei Filipe III de Portugal (ms. Biblioteca Pública de Évora)³.

CARTOGRAFIA

Trata-se de uma vista à *vol d'oiseau*, num plano deslocado 90° para Oeste, que toma de frente o Porto Interior e tem o istmo e as Portas do Cerco (muradas em 1573) no canto inferior esquerdo. À semelhança das restantes 47 plantas que compõem este livro, o desenho de Macau não tem escala nem orientação. É também nítido que privilegia os pormenores do sistema defensivo em detrimento do edificado civil, em particular dos aldeamentos chineses situados fora das muralhas. Contudo, permite a leitura de uma cidade de casas modestas de planta rectangular, adaptadas à morfologia do terreno e agrupadas em núcleos, que sabemos corresponderem às principais zonas de ocupação ou eixos de crescimento que vinham do século XVI: Porto, Santo António–Patane, Monte–Sé e Rua Central (Rua Direita)–Penha. As ruas são tortuosas, existem grandes terreiros adjacentes às igrejas e a organização em lotes subentende um crescimento

espontâneo, carente de planeamento prévio⁴. Além do destaque concedido às igrejas e fortificações (centralidade absoluta no quadrado perfeito da fortaleza de São Paulo do Monte), assinala Wangxia, entre arvoredos e campos de cultivo, e o que parece ser o templo chinês da Barra.

Esta representação repete-se na segunda das duas vias originais do *Livro das Plantas* de Bocarro (ms. 1635, dito de Oxford)⁵, na cópia do mesmo livro atribuída a João Teixeira Albernaz I (ms. c. 1635, Biblioteca Nacional de Madrid)⁶ e na cópia assinada por António de Mariz Carneiro (in *Descrição da Fortaleza de Sofala, e das mais da Índia*, ms. 1639, Biblioteca Nacional de Lisboa)⁷. O protótipo do *Livro* de Bocarro serviu de base à planta intitulada “Demonstração da Cidade de Machao” (Fig. 3) que está no exemplar do *Livro do Estado da Índia Oriental* de Pedro Barreto de Resende (ms. c. 1636, Bibliothèque Nationale, Paris)⁸. Aqui, o

Fig. 5 - Planta de Macau, de autor anónimo, provavelmente realizada em Macau a partir do desenho original de Pedro Barreto de Resende. Desenho a cores sobre suporte de papel (c. 1678?, pertencente Arquivo Histórico Nacional N.º 1 da China, Pequim). In Wu Zhiliang, *Segredos da Sobrevivência. História Política de Macau*, entre pp. 62 e 63.



CARTOGRAPHY



Fig. 6 - Planta de Macau pintada sobre tela envernizada. Obra de autor anónimo, provavelmente macaense, realizada a partir do desenho original de Pedro Barreto de Resende (c. 1678?, pertencente Arquivo Histórico Nacional N.º 1 da China, Pequim). In Wu Zhiliang, *Segredos da Sobrevivência...*, entre pp. 62 e 63 (verso).

desenho original surge muito simplificado, desaparecendo boa parte dos símbolos de vegetação, reduzindo-se as proporções das casas e igrejas e eliminando-se vários pormenores de carácter militar, como as peças de artilharia instaladas nos fortes e nas muralhas. A mão de Resende reaparece na planta de Macau incluída no exemplar do *Livro do Estado* de 1646 (British Museum, Londres)⁹, mas volta a ser substituída no desenho esquemático atribuído a João Nunes Tinoco (ms. 1663, Biblioteca da Ajuda, Lisboa), o qual copia o do códice anónimo de Paris¹⁰.

Também a planta de Macau, de autor anónimo, integrada c. 1640 no *Livro de Plataforma das Fortalezas da Índia* de Manuel Godinho de Erédia (ms. original c. 1620, Fortaleza São Julião da Barra, Oeiras) corresponde à simplificação de um protótipo desconhecido do *Livro* de Resende, tendo evidentes analogias com o códice de Paris¹¹. Os detalhes são de tal forma expurgados, de modo a valorizar a muralha e demais pontos defensivos, que Wangxia eclipsa-se por completo do desenho. Esta imagem é decalcada na carta gravada de “Macao” (Fig. 4) que surge a acompanhar o volume III da *Ásia Portuguesa* de Manuel de Faria e Sousa (Lisboa, Officina de Antonio Craesbeeck, 1675)¹². Outra simplificação um pouco

diferente do modelo do *Livro* de Resende – onde reaparece Wangxia, mas se reduz ainda mais a densidade edificada intramuros –, encontra-se na planta do “Porto de Macao” inserta no *Livro de Plataforma das Fortalezas, Cidades, e Povoações do Estado da Índia Oriental* (ms. c. 1640, Biblioteca do Palácio Ducal de Vila Viçosa)¹³.

Foram recentemente identificadas nas colecções chinesas duas pinturas de Macau, as quais incluem, sobrepostos ao desenho, caracteres manchus mais ou menos extensos. Fora este pormenor, é patente que as imagens em causa constituem simples variações sobre o modelo de Resende, com traços pictóricos de exclusiva inspiração europeia. Apesar das diferenças que exibem entre si, comungam também de certo tipo de originalidades em relação àquele modelo, o que prova que existiu uma estreita interdependência entre elas. Seguindo a ordem pela qual têm aparecido reproduzidas, a primeira (Fig. 5) corresponde a uma pintura que os catálogos sugerem que seja datada de c. 1679-1682¹⁴, enquanto sobre a segunda (Fig. 6) apenas se indica que terá sido elaborada nos primeiros tempos da dinastia Qing¹⁵.

A mais precisa destas duas datações remete-nos, de imediato, para o tempo da missão diplomática que

CARTOGRAFIA

o cidadão de Macau Bento Pereira de Faria conduziu a Pequim, em nome dos interesses da sua cidade, em 1678. Pouco antes, desenrolara-se a embaixada de Manuel de Saldanha a Pequim (1667-1670), mas sucede que é a propósito da missão de Bento Pereira que surge a notícia de que a delegação portuguesa levava como presente uma pintura representando Macau, a qual tinha sido executada por um pintor local pelo preço de dois pardaus¹⁶. Sucede também que a segunda destas imagens está pintada sobre uma tela envernizada de dimensões consideráveis. Como Bento Pereira partiu para Pequim no início de 1678 – e como é elevada a probabilidade de alguma destas peça coincidir com a que então levou consigo para a corte do imperador Kangxi –, além de insistirmos na origem portuguesa ou macaense de ambas, devemos considerar a hipótese de qualquer delas ter sido executada à volta de 1678.

Olhando o panorama do casario – de um imaculado branco mediterrânico – que a primeira destas imagens oferece, detecta-se que essa representação está mais próxima do traço original de Barreto de Resende do que de qualquer uma das posteriores simplificações do respectivo modelo já descritas. As principais diferenças face a esse mesmo modelo de partida traduzem-se no acrescento de alguns perímetros amuralhados e na supressão de outros, numa maior precisão do risco da maioria das fortalezas e peças de artilharia, nas bandeiras com a cruz de Cristo levantadas dentro dessas fortalezas e na aparente ausência da silhueta de qualquer navio – dizemos aparente, porque alguma ou algumas das nove grandes legendas em manchu que, manifestamente, foram acrescentadas ao desenho (assinalando as sete baterias e fortalezas principais, as Portas do Cerco e o templo de A-Má), podem ter ocultado o bosquejo de alguma nave.

A segunda destas pinturas de Macau alonga em relação à anterior o traçado do conjunto do território sem que, no entanto, desse prolongamento longitudinal resulte qualquer ganho informativo de monta. A este propósito, a ideia que fica é a de que se tratou apenas de ajustar a imagem que ia ser copiada à forma e às dimensões da tela disponível. Esta pintura não traz as extensas legendas informativas que



Fig. 7 - Vista de Macau, reproduzida na tampa de uma arca de madeira. Trabalho sino-português anónimo, realizado a partir do desenho original de Pedro Barreto de Resende (século XVIII, colecção Comandante Alpoim Calvão, Cascais, Portugal). In *As Ruínas de S. Paulo – Um Monumento para o Futuro*, p. 54.

CARTOGRAPHY



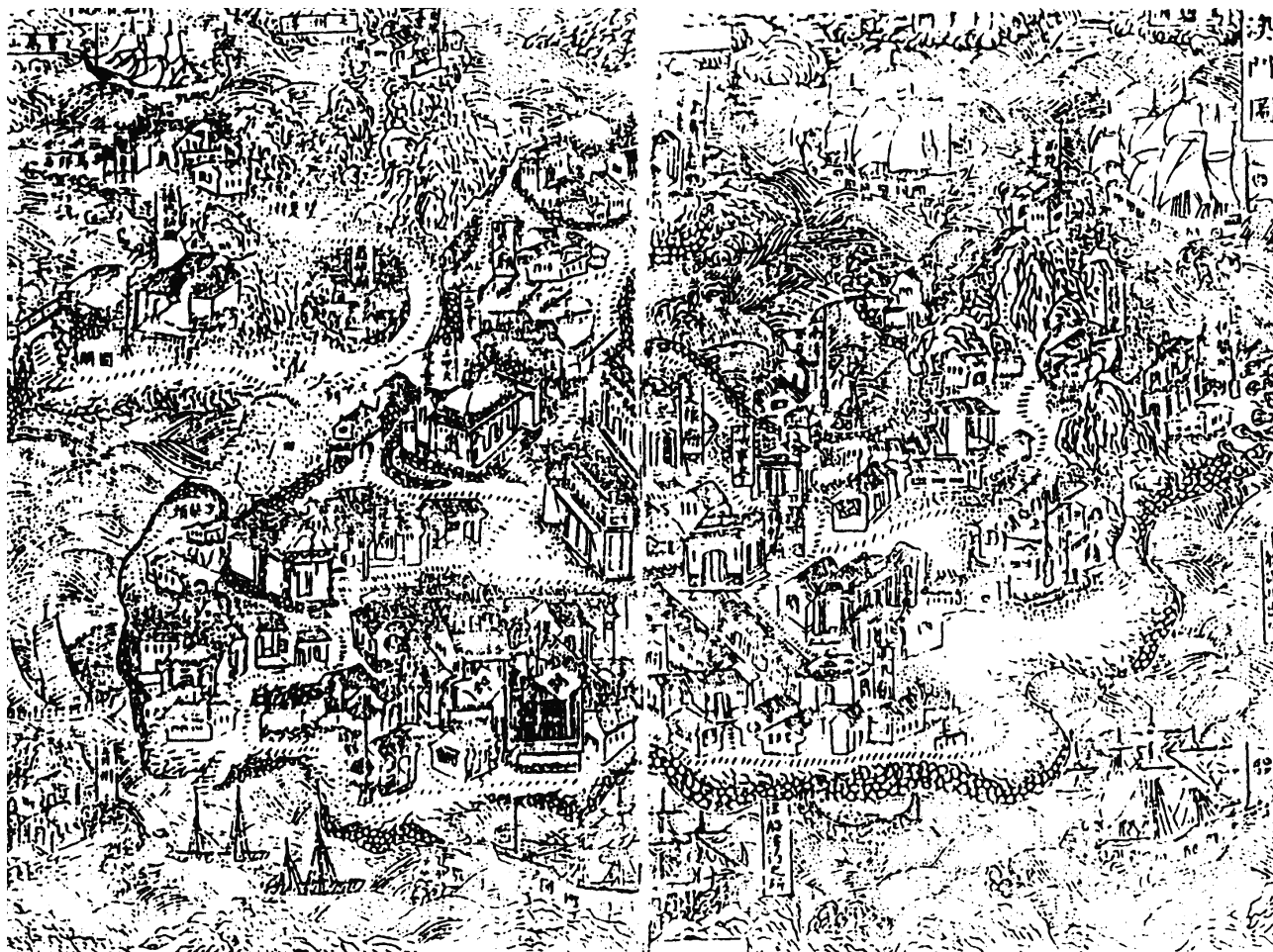
CARTOGRAFIA

assinalámos terem sido acrescentadas à gravura precedente. Em compensação, mostra maior densidade dos edifícios implantados intramuros, acrescenta algum casario, tanto nos terrenos situados entre a fortaleza do Monte e as Portas do Cerco, como na Ilha Verde, para além de multiplicar o número de cais que bordejam o Porto Interior. De qualquer modo, pelo menos em pormenores como as fortificações, as peças de artilharia nelas dispostas ou a geografia das ilhas que rodeiam Macau, confirma-se que existe um vínculo directo entre esta imagem e a anterior gravura pertencente aos arquivos chineses: em nenhuma das outras várias versões do desenho de Resende que já conhecíamos foram desenhados assim esses mesmos pormenores.

A atestar a popularidade do modelo genérico de Pedro Barreto de Resende, existem as duas vistas de Macau reproduzidas, já no século XVIII, nas tampas

de duas arcas de madeira lacada de negro e ouro. Trabalhos chineses de encomenda portuguesa quase idênticos, integram, respectivamente, as colecções do Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa)¹⁷ e do comandante Alpoim Calvão (Cascais) (Fig. 7)¹⁸. No centro da moldura superior do primeiro destes exemplares pode ler-se “MACAO ANNO DE 1746”. Sendo certo que, por exemplo, faz desaparecer boa parte da muralha, que já representa a fachada de pedra da Igreja de São Paulo (concluída c. 1637) e que trabalha a vegetação de acordo com o gosto oriental, o modelo tomado é ainda o de Barreto de Resende.

Fig. 8 - Mapa de Macau, de autor chinês de autor anónimo. Integra a *Guangdong Tongzhi*, impressa em 1731. Observam-se evidentes semelhanças entre esta representação da cidade e o desenho de Macau produzido por Pedro Barreto de Resende, em 1635. Esta gravura constitui um dos melhores exemplos de síntese sino-portuguesa ou sino-europeia no campo da cartografia, tendo servido de base para várias imagens do território incluídas em obras chinesas até ao século XIX.



CARTOGRAPHY

Apesar de se tratar de um objecto cartográfico de elaboração chinesa – e de, por via dele, continuarmos a pisar um tempo cronológico ligeiramente adiantado em relação àquele que elegemos para este artigo –, não podemos deixar de referir o mapa de Macau que faz parte da *Guangdong Tongzhi* (Monografia Geral da Província de Cantão), de 1731¹⁹. (Fig. 8) O motivo pelo qual o fazemos continua a ser dado pelas impressionantes semelhanças que se observam entre esta representação e o desenho de Macau difundido por Barreto de Resende. Mais: a sua influência na cartografia chinesa posterior foi tanta ou tão pouca que o mesmíssimo traçado de 1731 – de um claro hibridismo sino-português ou sino-europeu – volta a ser escolhido para representar o espaço macaense em obras tão tardias como a *Aomen Jilüe* (Monografia Abreviada de Macau) de 1751²⁰ (Fig. 9) ou a edição actualizada da *Guangdong Tongzhi*, de Ruan Yuan, publicada em 1822²¹. Neste

último caso acrescentou-se a representação de Qianshan (Casa Branca), a pequena cidade onde residia um dos mandarins que detinha jurisdição no território macaense. Tal aparece de acordo com a forma convencional das cartas chinesas, isto é, como uma fortaleza circular, com as entradas assinaladas por grandes pórticos e o interior preenchido por legendas e um conjunto mínimo de edifícios, mas de proporções propositadamente exageradas. Como resultado de tudo isto, duas tradições cartográficas distintas e aparentemente inconciliáveis fundiram-se num mesmo mapa.

No capítulo da cartografia chinesa manuscrita, há também que deixar aqui uma nota sobre um mapa

Fig. 9 - Mapa de Macau, de autor chinês anónimo. Integra a *Aomen Jilüe*, impressa em 1751. Esta imagem retoma o mapa de Macau da *Guangdong Tongzhi*, impressa 20 anos antes.



CARTOGRAFIA



CARTOGRAPHY



do início do século XIX (Fig. 10) que representa o sul da ilha de Xiangshan, de novo segundo uma perspectiva tomada de oeste. Além de Macau, também abrange o perímetro de Qianshan, este desenhado outra vez de acordo com os padrões de figuração chineses²². Este mapa foi concebido para ser anexado a um memorial ao Trono apresentado pelo vice-rei de Cantão, Wu Xiongguang, em 1808²³. No sector ocupado pelos portugueses, dá a ver pouco mais ou menos o mesmo perfil urbano saído das mãos de Barreto de Resende, salvo no pormenor dos muros e fortificações – que aqui não surgem, com excepção das Portas do Cerco. Muitas das principais formas do relevo das áreas que circundam a península evocam as que encontrámos no mapa de Macau que incorpora extensas legendas em manchu. Exactamente como nesse outro mapa, também este difere dos desenhos de Macau produzidos a partir do padrão de Resende que existem nas colecções europeias porque, ao contrário destes, assinala o local dos principais postos defensivos com várias bandeiras.

Uma legenda escrita sobre o Canal da Taipa instrui sobre a presença de navios ingleses na zona. Outras legendas, que noticiam que os “soldados e bárbaros do Mar do Oeste” (os portugueses) foram substituídos em algumas fortalezas pelos “soldados bárbaros ingleses”, ajudam a situar o contexto em que a carta foi desenhada: depois de cerca de seis anos durante os quais a presença de navios britânicos nas proximidades de Macau foi constante, em Setembro de 1808 uma força expedicionária comandada pelo almirante Drury desembarcou no território, ocupou as fortalezas da Guia e de São Francisco, tendo reembarcado no final desse ano, pressionada pelos cerca de 80 000 homens que o exército chinês entretanto fizera avançar até às portas da cidade. Em qualquer caso, o que, acima de tudo, torna a impressionar nesta imagem urbana de Macau é a semelhança que ela oferece em relação ao longínquo arquétipo resendiano.

Fig. 10 - Mapa parcial da ilha de Xiangshan, com Qianshan e Macau. Este mapa foi anexado a um memorial ao Trono apresentado pelo vice-rei de Cantão, Wu Xiongguang, em 1808. Retrata o momento da ocupação das fortalezas da Guia e de S. Francisco por parte da força expedicionária inglesa comandada pelo almirante Drury. Enquanto no canto superior esquerdo do desenho aparece representada Qianshan (Casa Branca) de acordo com a forma convencional das cartas chinesas, para o traçado da cidade de Macau o cartógrafo chinês utilizou o esquema produzido por Pedro Barreto de Resende, em 1635. Como resultado, duas tradições cartográficas aparentemente inconciliáveis fundiram-se num mesmo mapa.

CARTOGRAFIA



Fig. 11 - Mapa da foz dos rios do Oeste e das Pérolas, com a península de Macau, incluído no manuscrito intitulado *Aduertencias ha Coroa del Rey Dom João 4º*, de Jorge Pinto de Azevedo (manuscrito de 1646, Biblioteca da Ajuda, Lisboa). In Luís Filipe Barreto, *Cartografia...*, p. 45 (não numerada).

MACAU EM MAPAS REGIONAIS E CARTAS NÁUTICAS PORTUGUESAS

Nada tem a ver com o modelo de Pedro Barreto de Resende o desenho da cidade de Macau (Fig. 11) que surge no desenho aguarelado de Cantão e do delta dos rios do Oeste e das Pérolas, de Ainão até Lantau, apenso às *Aduertencias ha Coroa del Rey Dom João 4º* do antes mencionado Jorge Pinto de Azevedo. Ao contrário do texto em si – que visa caracterizar a situação portuguesa no Oriente e propor soluções para a crise em que vivia mergulhada em meados de seiscentos –, não é líquido que o mapa em causa tenha sido obra deste português então residente em Macau (ms. 1646, Biblioteca da

Ajuda, Lisboa)²⁴. Tal não invalida que, pelo menos, tanto para as legendas como para a representação das construções das cidades e povoados ou das áreas agricultadas, o traço seja reconhecidamente português/europeu. Mas já o esquema global corresponde, *grosso modo*, ao das cartas gerais chinesas da província de Guangdong. A atenção está centrada na massa continental, reduzindo-se ao mínimo os elementos respeitantes à península macaense, os quais são desenhados sem perspectiva e muito desproporcionados: Portas do Cerco, muralha do lado norte, principais acidentes topográficos, quatro edifícios (distribuídos de forma muito parecida às igrejas representadas na planta de Erédia) e cinco pontos providos de peças de artilharia

CARTOGRAPHY



Fig. 12 - Carta náutica portuguesa do estuário dos rios do Oeste e das Pérolas, com Macau e ilhas adjacentes (manuscrito de finais do século XVI-início do século XVII, Biblioteca Nacional de Lisboa). In *Macau: Cartography of the West-East Encounter*, p. 136.

(provavelmente as fortalezas ou os fortes de São Paulo do Monte, de São Francisco, da Guia, de Nossa Senhora do Bomparto e de São Tiago da Barra). Percebe-se que fosse esta a escala eleita pelo autor das *Aduertencias*, já que, no seu texto, Pinto de Azevedo demora-se na planificação de um ataque militar a Cantão a partir de Macau e na subsequente ocupação dos “rios e mar da pintura” (*Aduertencias ha Coroa*, fol. 27r.).

A escala empregue torna a condicionar a pormenorização dos elementos do edificado urbano que nos é dada a ver no desenho de “Macao” (Fig. 12) inserto numa das mais antigas representações da respectiva península: a que se descobre na carta náutica das ilhas do estuário dos rios do Oeste e das Pérolas,

manuscrito a tinta da China e aguadas a cores, sobre pergaminho, que existe na Biblioteca Nacional de Lisboa (Secção de Iconografia; cota: D. 89 R.)²⁵. Trabalho anónimo, mas que apenas incorpora topónimos portugueses, cremos que seja datado do início do século XVII. À semelhança do mapa de Pinto de Azevedo, tem o norte no topo e abrange uma extensa linha de costa, neste caso começada a marcar um pouco a ocidente da “I[lh]ª Alta” e interrompida, a oriente, por alturas de “Lantao falso”²⁶, frente a uma correnteza de ilhas dispostas com uma orientação NE-SO e de que fazem parte as “de pedra”, “de Lema”, “Furada”, “Lemy” e “atravessada”. Perto do centro deste troço de litoral surge a foz do “Rio de Camtaõ”.

CARTOGRAFIA

Cabem dentro do perímetro da pequena península que constitui a extremidade sul da ilha de “Amção” (Anção/Xiangshan) a legenda que indica Macau, tal como outra que situa a “porta do cerco” e, ainda, a quadrícula de uma fortaleza. Esta última está desenhada na proximidade do extremo sudoeste da península, à entrada da barra do Porto Interior. Se a sua forma evoca as representações canónicas da fortaleza de São Paulo, já esta localização equívoca remete, antes do mais, para o sítio onde se erguia o Forte do Patane

Fig. 13 - Planta de Macau, de autor anónimo, incluída no vol. VIII de *Petits Voyages*, colectânea de relatos de viagem pelo Oriente editada por Hans-Theodor e Hans-Israel de Bry (Frankfurt-am-Main, 1606 e 1607). Foi a primeira gravura do território de Macau impressa na Europa. Composição em boa medida aleatória, realizada a partir de um protótipo que pode ter sido o mesmo que foi utilizado por Pedro Barreto de Resende c. 1635, esta vista de Macau viria a servir de modelo a múltiplas gravuras holandesas, alemãs, inglesas, venezianas ou francesas do século XVII. In Teodoro de Bry, *Asia y África* (1597-1628), p. 281.

ou da Palanchica, desarticulado em 1604 por imposição das autoridades chinesas. O ancoradouro do Porto Interior é ilustrado por um signo convencional, a sul da “I[lla] verde” (Qingzhou), enquanto na parte norte da ilha de Xiangshan uma legenda indica a localização da “casa branca” (Qianshan).

É nítido que esta carta foi pensada para auxiliar a navegação que entrava e saía da barra de Macau. Tal explica a inscrição de escalas ao longo das esquadrias inferior e direita, o desenho de uma rosa-dos-ventos e a marcação de linhas de rumo. O mesmo propósito prático condiciona o facto de estar despida de qualquer desenho de construções, salvo o daquelas duas que são visíveis em Xiangshan, mais uma terceira a assinalar o lugar da morte de São Francisco Xavier, na ilha de “Samchoaõ Verd[adei]ro”²⁷. Acrescente-se que esta mesma carta deve ter servido de modelo para um



CARTOGRAPHY

portulano hidrográfico também guardado na Biblioteca Nacional de Lisboa, que uma análise ao papel fez datar de meados do século XVIII e que tem as seguintes indicações principais: “CHINA — TERRA DAS CONXAS”²⁸. Traçado em papel branco e tinta da China (restaurado e colado noutra folha), amplia a área da carta náutica primitiva, tanto para oeste como para este, além de a corrigir pontualmente e de lhe acrescentar vários topónimos e indicações sobre profundidades. Na ilha de Xiangshan desaparecem todos os traços relativos a construções, ficando apenas os principais sinais do relevo, que já se percebiam na carta mais antiga.

Muito mais interrogações nos levanta a planta de Macau reproduzida por Luís Silveira no terceiro volume do referido *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar* com a identificação de Estampa 836²⁹. Parecendo não mostrar qualquer legenda, dá-nos uma perspectiva da península macaense enquadrada de modo semelhante à solução divulgada por Pedro Barreto de Resende, ou seja, com o istmo sobre a esquerda do desenho e o canto inferior direito preenchido com uma vista parcial da ilha da Lapa. No entanto, incorpora uma rosa-dos-ventos e, sobretudo, exhibe um traço globalmente parecido com as imagens de Macau difundidas nos Países Baixos por Johannes Vingboons e François Valentyn, que descreveremos a seguir. Na mesma obra, Silveira não só deixa em aberto a hipótese desta carta estar desenhada sobre papel de arroz, como hesita entre classificá-la como do século XVI ou do século XVII. Acrescenta estar à guarda da Biblioteca Nacional de Lisboa, mas também nada indica sobre as suas dimensões³⁰. Até há data, foram vãs as nossas pesquisas para conseguir localizar este documento.

Também se pode encontrar uma imagem desta planta entre as páginas da mais recente edição de *Fortificações de Macau*, de Jorge Graça (Macau, 1984), que a copiou do catálogo de Luís Silveira, assim como as indicações que já aí constavam a propósito dela³¹. Depois disso, surgiu ainda no livro *Macau. Estudos de Antropologia Portuguesa dos Trópicos* (Lisboa, 1996), obra de Almerindo Lessa publicada postumamente, mas desta vez acrescida da legenda (não justificada) que indica tratar-se de um desenho de c. 1582, feito sobre papel de arroz³². Em qualquer caso, não só a densidade da malha urbana, como os contornos bem perceptíveis das principais fortalezas, obrigam-nos a situá-lo como nunca anterior ao início da segunda década de

seiscentos. Por observação das deficientes reproduções disponíveis, parece perceber-se que o manuscrito está vincado a meio, provável resultado de se encontrar — ou de se haver encontrado — acondicionado entre as folhas de um códice.

OUTRAS CARTOGRAFIAS EUROPEIAS

Ainda antes de se iniciar a circulação do modelo de Pedro Barreto de Resende por via do *Livro das Plantas* de António Bocarro, os impressores Hans-Theodor e Hans-Israel de Bry imprimiram uma vista de “Amacao” (Fig. 13) no volume VIII da edição alemã das suas *Petits Voyages* (Frankfurt-am-Main, 1606; ed. idêntica em latim, Frankfurt-am-Main, 1607)³³. Este título designava a série “oriental” da colecção de relatos de viagem dita *Collectiones Peregrinationum in Indiam Oriental et Indiam Occidentalem*, programada e lançada pelo famoso cartógrafo e editor flamengo Theodor de Bry, pai de ambos (25 vols., 1590-1634).

Esta vista de Macau — que foi a primeira gravura deste território a ser impressa — é tomada do mesmo ângulo escolhido por Barreto de Resende. O enquadramento também é idêntico. Já os contornos do litoral estão um pouco modificados, sobretudo em consequência de um prolongamento claramente arbitrário do extremo sudeste da península em direcção ao oriente, como que para permitir um maior equilíbrio estético do conjunto. As partes altas do terreno são sinalizadas por pequenas elevações, o que contribui para dar a perspectiva de uma cidade quase plana. Em relação ao desenho de Resende, o número de casas é reduzido, é ampliada a dimensão de cada unidade do edificado (que ganha formas norte-europeias), conserva-se a ideia de distintos núcleos distribuídos de modo anárquico, assim como a presença dominante de algumas igrejas, diante de amplos terreiros. Também se mantém a leitura original de Resende de duas zonas de ancoragem (Porto Interior e Praia Grande). Apenas existe um pequeno troço fortificado no sector norte. A norte da Praia Grande, inventa-se a presença de uma estrutura exótica, talvez para sugerir um templo chinês. Há cenas de lavoura, de mar e de transporte de bens, destacando-se as figuras que carregam liteiras e aquelas de homens ocidentais que atravessam as ruas protegidos por guarda-sóis empunhados por escravos ou serviçais, tal qual em muitas gravuras holandesas da época que ilustravam a vida dos portugueses na Índia.

CARTOGRAFIA



Fig. 14 - Planta de Macau, de autor anónimo, incluída no vol. II da colectânea *Begin ende Voortganch Van de Vereenighde Nederlantsche Geochtroyeerde Oost-Indische Compagnie*, de Isaac Commelin (Amesterdão, 1646). In Charles R. Boxer, *Macau na Época da Restauração*, p. 80.

Composição em boa medida aleatória, sobre um protótipo que pode ter sido comum ao que serviu a Barreto de Resende *c.* 1635 (o que não surpreende, sabendo-se da intensa circulação de espécimes cartográficos lusos nos Países Baixos a partir de finais do século XVI), a vista de Macau editada pelos irmãos De Bry em 1606 e 1607 vai servir de modelo a múltiplas gravuras holandesas, alemãs, inglesas, venezianas ou francesas do século XVII. É o caso da representação que surge na margem do mapa da Ásia de Willem Janszoon Blaeu de 1608, em cuja gravação terá colaborado Hessel Gerritsz (*Nova et exacta Asia geographica descriptio*; reedições: W. J. Blaeu (1612), Henricus Hondius (1624), Nicolas Visscher (1657), Alexis-Hubert Jaillot (1679) – referência apenas às cópias disponíveis e datadas)³⁴. A mesma representação reaparece nas margens dos mapas da Ásia de W. J. Blaeu de 1617 (*Asia noviter delineata*, com várias reedições até ao final da década de 1650), de Pieter van den Keere de 1614, de J. Hondius de 1619 e 1623 (*Asia recens*

summa cura delineata) e de John Speed de 1627 (in *Prospects of the Most Famous Parts of the World*; nove reedições até 1676), na margem dos mapas-múndi em dois hemisférios de anónimo-Petrus Plancius de *c.* 1619 e de P. Plancius de 1607, editado por Cornelis Danckerts em 1651 (*Universi orbi tabula de integro delineata*) ou, ainda, nas margens da imitação veneziana do original de W. J. Blaeu editada por Stefano Scolari (1646) e do *New, Plaine, and Exact Map of Asia* de Robert Walton (1658).

Numa estampa de “Maccavw” (Fig. 14), reproduzida na colectânea *Begin ende Voortganch Van de Vereenighde Nederlantsche Geochtroyeerde Oost-Indische Compagnie* (Origem e Progresso da Companhia Reunida Neerlandesa Privilegiada das Índias Orientais), que Isaac Commelin editou e reeditou em Amesterdão entre 1645 e 1646, voltamos a ter uma vista assaz simplificada e fantasiosa tomada da ilha da Lapa. Ainda que denunciando bastantes traços do esquema dos De Bry, este desenho – que acompanha a descrição

CARTOGRAPHY



Fig. 15 - Planta de Macau, de autor anónimo, incluída no livro *Het Gezantschap Der Neerlandtsche Oost-Indische Compagnie, Aan Den Groten Tartarischen Cham, Den tegenwoordigen Keizer Van China*, de Jan Nieuhoff (Amsterdão, 1665). Esta vista urbana multiplica os perfis artificiais, típicos de uma cidade do Norte da Europa, que já se observavam na imagem de Macau editada em 1606-1607 pelos irmãos De Bry. In *As Ruínas de S. Paulo – Um Monumento para o Futuro*, p. 54.

da viagem que o médico Seyger van Rechteren realizou à Ásia do Sueste e à China entre 1629 e 1633 por conta da Companhia holandesa das Índias Orientais – tem a vantagem de reintroduzir o essencial do relevo e de precisar os principais sítios fortificados e outros elementos mais salientes, como a grande escadaria de São Paulo³⁵. Bastante mais tarde tornará a ser impressa no volume IX de *Recueil des Voyages qui ont servi à l'établissement et aux progrès de la Compagnie des Indes Orientales*, correspondente à versão francesa do trabalho holandês de Isaac Commelin, apresentada por René-Auguste Constantin de Renneville (1.^a ed. Amsterdão, 5 vols., 1702-1706; 2.^a ed. holandesa em 1725, também em Amsterdão; 1.^a ed. francesa, Rouen, 1725).

A vista de “Makou” (Fig. 15) que ilustra o livro *Het Gezantschap Der Neerlandtsche Oost-Indische Compagnie, Aan Den Groten Tartarischen Cham, Den tegenwoordigen Keizer Van China* (Embaixada da Companhia Holandesa das Índias Orientais ao Grande

Cã da Tartária ou Imperador da China), de Jan Nieuhoff (Amsterdão, 1665; eds. francesas, Leyden, 1665, e Paris, 1666; ed. latina, Amsterdão, 1668; eds. inglesas, Londres, 1669 e 1673), quase tomada do nível do mar e salientando apenas os cumes do Nordeste da península, multiplica os perfis artificiais típicos de uma cidade do Norte da Europa inaugurados pelos De Bry e reforçados por Commelin³⁶.

Encontramos uma leitura muito mais fina da península de Macau nas duas aguarelas coloridas que integram o *Atlas* manuscrito de Johannes Vingboons, de c. 1665. Uma delas leva por título “De Stadt Macao” e faz figurar vários navios holandeses ancorados no Porto Interior, o que sugere a possibilidade de o desenhador ter reconhecido o local ao viajar num deles³⁷. Se assim foi, também é possível que se tratasse de uma das várias expedições holandesas que navegaram até Cantão entre 1653 e 1657³⁸. Mais uma vez, a cidade é tomada em perspectiva deslocada 90° para oeste. Sobressai a minúcia com que são traçadas as fortificações e os

CARTOGRAFIA

edifícios mais relevantes, todos eles acompanhados por uma breve legenda.

Na segunda das aguarelas de Macau do *Atlas* Vingboons (Fig. 16) conserva-se a perspectiva aérea, mas substitui-se a representação das áreas urbanizadas intra e extramuros pela geometria própria de uma planta³⁹. Em relação àquela primeira imagem, percebe-se que aqui se estende mais para norte a área coberta pela representação, que assim chega a abranger as Portas do Cerco. O título está ajustado ao conteúdo: “Platte Gronde van Stadt Macao, waer ia aen geweest word de voornamste Plaetsen der Stadt” (“Grande Plano da Cidade de Macau, onde se indicam os principais sítios da cidade”). Estes dizeres aparecem no topo do desenho, enquadrados por uma moldura onde consta a legenda correspondente a 26 pontos da carta, tanto da área terrestre, como das águas do Porto Interior.

O interesse militar que está na base deste par de imagens é confirmado pelo teor de algumas destas 26

legendas. Por exemplo: “Is Het Principale fort St Paulo Leyt hoogh 185 Trapen met 18 stucken geschat” (Aqui está o principal forte São Paulo, situado no cimo de 185 degraus, com 18 peças de artilharia); “tBolwerck St Ioan met 4 Stucken” (Baluarte de S. João, com 4 peças de artilharia); “St Francisca waer op Syn 10 Stucken” (São Francisco, onde estão 10 peças de artilharia); “Bon Parte met 7 Stucken” (Bom Parto, com 7 peças de artilharia); “De Baare heest 15 Stucken” (A Barra tem 15 peças de artilharia). A navegação também colhia avisos de legendas como estas, justapostas ao desenho: “3 voet” (3 pés); “Deese droghte leyt meest Boven watter” (Estes baixios normalmente estão debaixo do nível do mar). No terreno extramuros, marcam-se, entre outros, “Moehe Een sciness Dorp” (Mongha, uma aldeia chinesa) e “Rys landt” (terra de arroz). Já no século XVIII, a “Platte Gronde vande Stadt Macao”, impressa por François Valentyn na colecção de relatos de viagem dos holandeses à Ásia que intitulou *Oud en Nieuw Oost-Indiën* (Dordrecht e Amesterdão, J. Van Braam, 1724), reproduz esta segunda imagem exemplar da obra de Vingboons⁴⁰.

Encerramos o nosso périplo pelos espécimes cartográficos europeus com uma referência ao traço do “Plan de la Ville et Port de Macao” (Fig. 17) que aparece

Fig. 16 - Planta de Macau, de autor anónimo, incluída no *Atlas* manuscrito de Johannes Vingboons (c. 1665). É possível que seja da autoria de um desenhador holandês que tenha integrado uma das várias expedições holandesas que navegaram até Cantão entre 1653 e 1657. Sobressai a minúcia com que são traçadas as fortificações e os edifícios mais relevantes.



CARTOGRAPHY



Fig. 17 - Planta de Macau, de autor anónimo, incluída no manuscrito da *Relação do primeiro voyage des Français a la Chine*, de François Froger (ms. post. 1700, Biblioteca da Ajuda, Lisboa).

CARTOGRAFIA

colorido a aguarela no fólho 64r. (não numerado) do manuscrito da *Relation du premier voyage des Français a la Chine présenté à monseigneur le conte de Pontchartrain par le Sr. F. Froger* (ms. post. 1700, Biblioteca da Ajuda, Lisboa)⁴¹. Esta obra documenta a viagem do embaixador de Luís XIV, Louis Phéliepeaux, conde de Pontchartrain, ao imperador Kangxi, realizada nos últimos anos do século XVII. Incorpora ainda um apartado intitulado *Routier du voyage de la Chine en 1698, 1699, et 1700. Dans le Vaisseau l'Amphitrite commandé par Mongr. De la Roque Capitaine de Fregate legere. Chevalier de l'Ordre militaire de St. Louis* (fols. 176r. e segs.). Uma nota conservada no ficheiro do arquivo da Ajuda esclarece que este manuscrito – que será o original, ou uma cópia muito fiel do original –, estava para ser impresso na tipografia de Barbin filho quando este faleceu, em 1701.

Se é um facto que a planta da cidade e do porto de Macau do manuscrito de François Froger difere de todas as que resenhámos até aqui, não é menos evidente que o modelo que revela é o mesmo que encontramos em algumas plantas impressas durante o século XVIII. É o caso do “Plan de la Ville et du Port de Macao. Par N. B., Ing.r de la Marine”/ “Grondtékening der Stad en Haven van Makao, door N.B., Ingenieur des Franssen Zeevaardrs”, que antecede a página 7 da obra *Historische Berchryving Der Reizen..., Actste Deel* (Amesterdão, 1749)⁴². É também o caso do “Plan de la Ville et du Port de Macao” que consta do tomo III de *Le Petit Atlas Maritime* (1764)⁴³. Por seu turno, esse mesmo modelo reapareceria corrigido em mapas tão tardios como o que ilustra *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China*, de Sir George Leonard Staunton (Londres, 1797)⁴⁴ – a narrativa oficial da embaixada de Lord Macartney (1792-1794) – ou aquele que W. Bramston fez designar por “Map of the Town and Harbour of Macao. By N. B. Corrected & Improved by W. B.” (Boston, 1834) e Anders Ljungstedt incluiu no seu *An Historical sketch of the Portuguese settlements in China and of the Roman Catholic Church and mission in China* (Boston, 1836)⁴⁵.

No desenho do manuscrito da Ajuda sobressai o traçado inteiramente regular das ruas da cidade cristã, enquadrado pela fortaleza do Monte e pela base da colina da Penha. Esta leitura artificial, que se diria

decalcada da imaginação de um engenheiro militar, contrasta com a leitura da área extramuros, onde apenas o pontilhado do povoado chinês de Wangxia aparece a preencher o “vazio” rural que se estende até ao sítio da barreira chinesa e das Portas do Cerco. A planta representa e legenda ainda as fortalezas ou os fortes do Monte, da Guia, de Nossa Senhora da Penha, de Nossa Senhora do Bomparto e de São Tiago da Barra, bem como o sítio do “Pagode Chinois” de Ma Kok Miu. Também na margem da ilha da Lapa sobranceira a Macau vem marcado o local “ou on bastit et carrene les vaisseaux”.

Acrescente-se que, entre os vários exemplares cartográficos contidos no volume que alberga o manuscrito da *Relation* de Froger, também está um grande mapa dito “Carte de l'entrée de Canton ou sont marquez exactement tous les mouillages, que nous vismes depuis l'isle de Sancian, les bancs, les roches, et autres dangers que j'ay peu reconnoître” (fol. 52v., não numerado)⁴⁶. Por sua vez, este mapa traz parecenças evidentes com a “Carte particuliere de l'entrée de Canton” que veio a ser integrada no tomo I da *Description de la Chine* de Jean-Baptiste du Halde, S. J. (Paris, 1735)⁴⁷.

Quer num caso quer no outro, a escala volta a determinar a simplificação da generalidade dos elementos físicos e urbanísticos do território que encontrámos na planta particular da cidade e porto de Macau inserta no manuscrito de Froger, apenas se ganhando a indicação do sítio de “La caze blanche” – de resto, também incluído em qualquer das duas referidas plantas impressas oitocentistas que reproduzem o modelo manuscrito de maior escala. Outra peça cartográfica divulgada pelos círculos jesuítas à qual a escala impôs uma leitura hiper-esquemática do urbanismo de Macau foi o mapa intitulado “Royaume d'Annan Comprenant les Royaumes de Tumkin et de la Cocinchine”, que se encontra no início de *Dell'Historia della Compagnia di Giesu – La Cina*, de Daniello Bartoli, S. J. (Roma, 1663)⁴⁸.

OS MAPAS CHINESES E A QUESTÃO DA TOPONÍMIA VERNÁCULA DE MACAU

Simplificando, podemos dividir a cartografia chinesa de Macau em dois tipos: a que representou esse território antes da instalação dos portugueses e a que o desenhou já depois da presença europeia se ter

CARTOGRAPHY

instituído aí. Quanto ao primeiro tipo de representações, a grande vantagem que se extrai da sua maior antiguidade em relação aos posteriores desenhos chineses e europeus reside, sobretudo, nas pistas que oferece para a análise da primitiva toponímia do lugar. Quanto às cartas chinesas contemporâneas dos primeiros 150 anos da presença portuguesa em Macau, os ensinamentos são, essencialmente, de dois tipos: ao mesmo tempo que continuam a servir para elucidar as questões associadas à complexa etimologia do topónimo “Macau”, oferecem, por regra, a representação do espaço ocupado pelos europeus num quadro regional mais amplo, seja ele o do distrito de Xiangshan, o da prefeitura de Cantão (Guangzhou), seja ainda o do litoral da província de Guangdong.

A nossa listagem das peças cartográficas chinesas do período definido neste estudo terá em particular atenção estes aspectos. Por um lado, trata-se de aproveitar o material cartográfico que temos entre mãos para acrescentar alguns elementos aos estudos que se vêm desenvolvendo sobre a toponímia chinesa de Macau, já que a cartografia tem merecido muito menos atenção do que outras fontes documentais para o progresso do saber nesta área. Por outro lado, acontece que as cartas chinesas das dinastias Ming e Qing disponibilizam, por regra, uma informação muito menos detalhada sobre o urbanismo e a arquitectura erigida em Macau do que a cartografia de origem ocidental. Reduzidas, assim, as possibilidades de confronto directo entre os exemplares de tradição chinesa e de tradição europeia da mesma época, buscámos tirar o máximo partido das especificidades da cartografia chinesa do território que constitui o nosso objecto de estudo.

A pensar na questão etimológica de fundo, começemos por esclarecer que, no tempo anterior ao estabelecimento luso em Macau, o nome mais antigo de que se tem notícia para o espaço que ele veio a ocupar parece ser Fenghuangshan (Monte de Fénix). Esta designação já consta da *Xiangshan Xianzhi* (Monografia do Distrito de Xiangshan, ou Monte Odorífero), concluída em 1547. Tanto quanto se sabe, trata-se da mais antiga história local que chegou aos dias de hoje. Esta obra inclui alguns mapas que abrangem o futuro espaço macaense, sempre representado em forma de ilha e assinalado com o nome de Fenghuangshan⁴⁹. Acrescente-se que, em chinês arcaico, ilha é também

chamada de “monte”, no sentido de um pico que emerge do mar: daí que Monte de Fénix seja equivalente a Ilha de Fénix. (Fig. 18)

Outra das designações mais antigas para o mesmo local deverá ter sido Aoshan (Monte ou Ilha da Baía). Encontramos uma ilha com esse nome nos mapas de Guangdong números 7 e 8 de *Chouhai Tubian* (Defesa Marítima Ilustrada), obra xilogravada em 1562 sob o nome de Hu Zongxian, se bem que a verdadeira autoria seja atribuída a Zheng Ruozeng, secretário particular daquele⁵⁰. Trata-se de uma obra destinada a um grupo específico de leitores, sobretudo militares de alta patente encarregues de assegurar a defesa do litoral sul da China e de executar as directrizes dos mandarins letrados sobre esse assunto. Neste sentido, fazia todo o sentido a marcação do lugar do estabelecimento português, uma vez que este representava um problema real para a estratégia de defesa nacional da China. Apoiada num extenso e actualizado conjunto de fontes, esta obra é considerada uma das melhores sobre o tema da defesa marítima da dinastia Ming. (Fig. 19)

O lugar de Macau – ou da actual península de Macau – torna a aparecer identificado como um penedo insular de nome Aoshan no mapa número 8 da secção de cartografia referente a Guangdong da *Zheng Kaiyang Zazhu* (Miscelânea de Zheng Kaiyang), da autoria de Zheng Ruozeng e datada de 1572⁵¹. O termo sobreviverá nas fontes chinesas até, pelo menos, meados do século XVIII, conforme se constata lendo a seguinte passagem da citada *Aomen Jilüe*, de 1751: “Saindo pelo Portão Meridional, a poucos *li* de distância, fica o Lianhuajing [Caule da Flor de Lótus, a actual Avenida do Istmo Ferreira do Amaral], que é o único caminho que vai dar a Macau. Qianshan [Montanha Dianteira, Casa Branca] e Aoshan [Ilha da Baía] ficam em frente uma da outra. A primeira, a Norte da Baía; a segunda, a Sul ...”⁵². Noutro passo da mesma obra encontramos: “Ao Norte, fica Qingzhoushan [Ilha Verde]. Esta ilha fica num mar azul que separa Qianshan de Aoshan ...”⁵³. Vale assinalar que na edição italiana da sua *Relação da Propagação da Fé no Reyno da China* (Roma, 1643), o missionário jesuíta Álvaro Semedo já ensaia uma associação entre este nome chinês e o nome português do território quando assinala que, a 54 milhas da ilha de “Sanciano” (Sanchoão/Shangzhuan), aparecia “vn’alt’Isola detta dalli Cinesi Gau xan, e dalli Portuguesi

CARTOGRAFIA

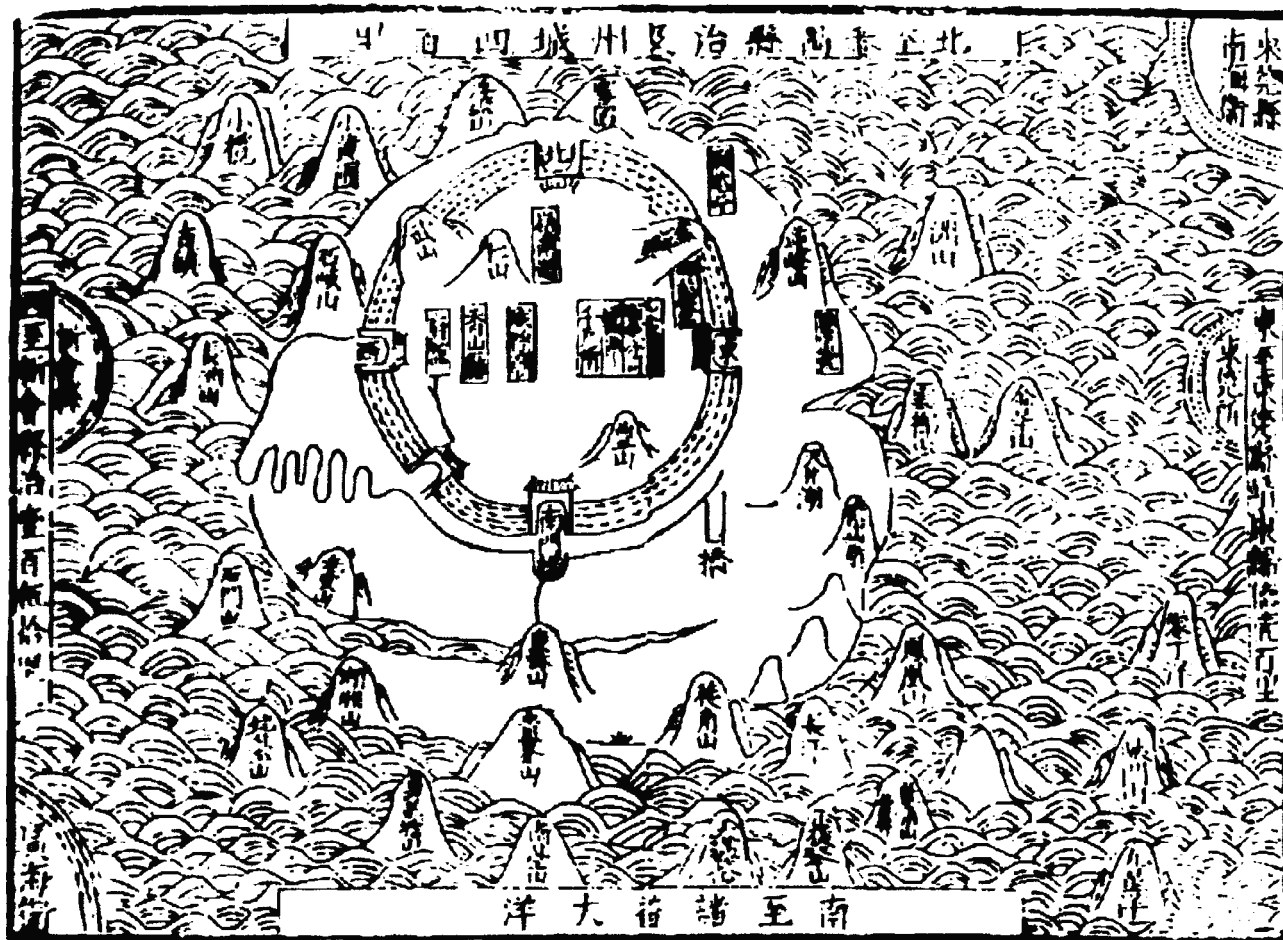


Fig. 18 - Mapa da ilha de Xiangshan (Anção), incluído na *Xiangshan Xianzhi*, obra concluída em 1547.

O futuro espaço ocupado por Macau surge representado em forma de ilha e assinalado com o nome de Fenghuangshan (Monte de Fénix). Esta constitui a mais antiga designação para o lugar de que há registo. Reproduzido em Tang Kaijian, "Aomen Zhuming Chuyi", in *Aomen Kaibu Chuqishi Yanjiu*, Pequim, Livraria China, 1999, p. 281.

Macao ..."⁵⁴. Vale também dizer que na sua tradução portuguesa desta obra, editada em 1956, o sinólogo macaense Luís Gonzaga Gomes reconstituiu, com sucesso, o nome chinês de "Gau xan" que aí aparecera: "澳山 Ou-Sán (Au-Xán)"⁵⁵.

Tanto as fontes descritivas chinesas, como a cartografia antiga deste país registam uma ligeira variante da designação Aoshan, apenas acrescentada do determinante "Haojing" (*Amusium pleuronectes*, o molusco acéfalo chamado em português "vieira"). A correspondente primeira ocorrência terá surgido na citada *Xiangshan Xianzhi*⁵⁶. Vamos reencontrá-la em três peças às quais tornaremos já a seguir: os dois belos mapas do distrito de Xiangshan insertos no *Guangdong Guangzhoufu Yutu* (Atlas da Prefeitura de Cantão da Província de Guangdong), de c. 1685⁵⁷ e o mapa da província de Guangdong, pintado a cores sobre suporte

de seda e que, segundo o *Tianxia Yuditu Zongzhe* (Memorial Geral ao Trono sobre a Cartografia Nacional [da China]), foi realizado pela Casa Civil em 1692⁵⁸. Também reencontramos a mesma grafia Haojing Aoshan (literalmente, Monte ou Ilha da Baía da Vieira) em *Daqing Yitongzhi* (Geografia Unificada da Grande Dinastia Qing), concluída em 1743⁵⁹, e, ainda, em *Qingshigao* (Esboço da História Oficial dos Qing), obra concluída em 1927⁶⁰. Por seu turno, o nome "Haojing" *tout court* parece ter aparecido pela primeira vez num par de memoriais ao trono escritos na primeira metade da década de 1560⁶¹.

Noutra peça cartográfica a que também voltaremos a seguir – o mapa xilogravado que representa o litoral de Guangdong apenso a *Yuedaji* (Grande Crónica de Guangdong), de Guo Fei e de c. 1602⁶² – encontramos antes Haojing'ao (Baía da Vieira), de resto

lado a lado com o topónimo Fenghuangshan (Monte de Fénix) que surgira na supracitada *Xiangshan Xianzhi* de 1547, mas que aqui passa apenas a ser identificável com o Penedo dos Patanes ou Colina de Camões das fontes lusas. Tanto na *Mingshi* (História Oficial dos Ming), escrita na segunda metade do século XVII, como na *Guangdong Tongzhi* (Crónica Provincial de Cantão), de 1731 – assim como num bom número de mapas desenhados do século XVIII em diante – o nosso topónimo principal continua a escrever-se Haojing'ao⁶³.

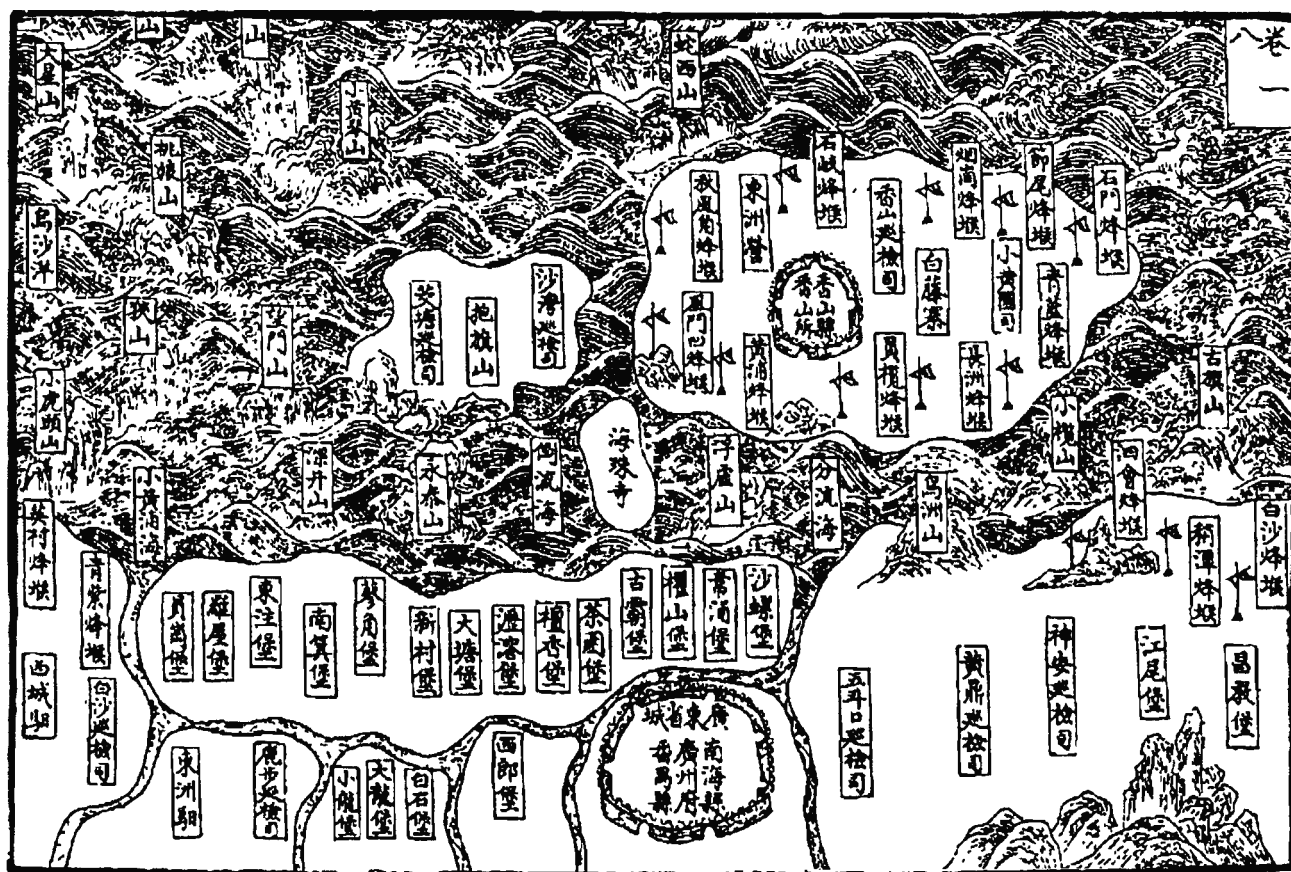
DESCRIÇÃO DAS PEÇAS CHINESAS

Duas peças do século XVI, que representam todo o litoral de Guangdong, servem-nos de demonstração do olhar cartográfico que os chineses lançaram sobre o território de Macau poucos anos volvidos sobre a instalação da comunidade portuguesa. A primeira

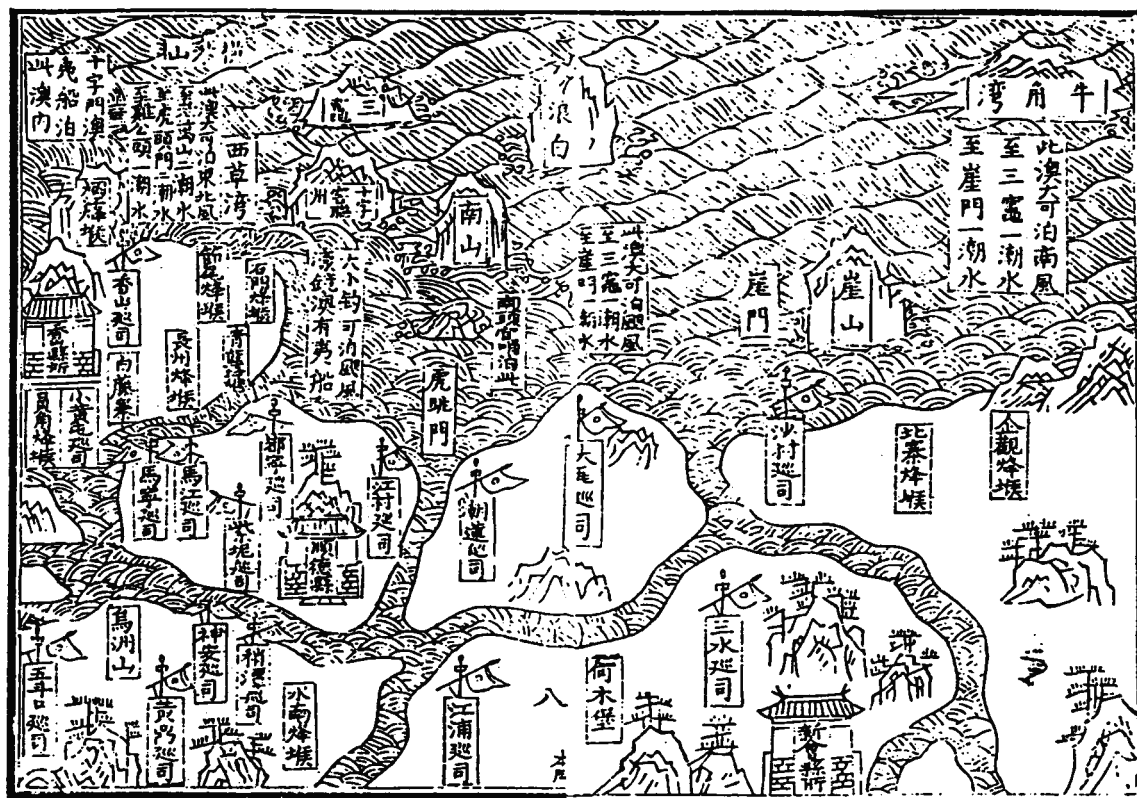
(Fig. 20) corresponde à carta incluída em *Cangwu Junmenzhi* (Crónica Militar de Cangwu), a qual foi traçada antes de 1579⁶⁴. A segunda – praticamente idêntica àquela, incluindo nas legendas, facto que indicia tratar-se de uma simples reprodução – é a carta de 1595 que foi inserida em *Qiantai Wocuan* (Informações sobre a Pirataria Japonesa), da autoria de Xie Jie⁶⁵. Conforme a prática corrente na cartografia chinesa tradicional, em qualquer destes mapas grande parte da informação surge nas diversas anotações e legendas, sendo a própria imagem quase secundária em relação a esses textos.

E, na verdade, nestes dois casos, uma das instruções mais relevantes torna a dizer respeito à toponímia. Assim, no lugar onde está o Canal da Taipa encontramos a seguinte legenda: *Shizimen Ao Yichuan Boci Aonei* (Baía da Porta do Dez. Os barcos bárbaros ancoram aqui)⁶⁶ – a alusão aos portugueses é óbvia.

Fig. 19 - Excerto do Mapa de Guangdong incluído na obra *Chouhai Tubian*, datada de 1562 e atribuída a Zheng Ruozeng. Tal como é característico dos mapas chineses mais antigos que representam o litoral de Guangdong, o território de Macau surge com a forma de uma ilha. Neste mapa, esta ilha é identificada como Aoshan (Monte ou Ilha da Baía). In Jin Guo Ping & Wu Zhiliang, *Dongxiwangyang*, antes do índice, p. 1.



CARTOGRAFIA



Depois, a área que corresponde ao Porto Interior (apesar das respectivas dimensões aparecerem excessivamente ampliadas para os padrões ocidentais de representação cartográfica) surge identificada com o nome de Xiangshan'ao (Baía do Monte Odorífero). Uma legenda complementar, que cobre o Noroeste da Península, esclarece: *Yichuan Boci Aonei* (Os bárbaros residem aqui). Tal serve para confirmar a ideia assente de que o primitivo estabelecimento dos portugueses se situava na Praia Pequena, nas margens do Porto Interior, no lugar depois chamado Chão do Campo de Patane e que também recebeu o nome chinês de Shalitou (Cais de Pêra Arenosa).

Passamos à cartografia chinesa de Macau do século XVII, servindo-nos para o efeito do referido mapa das costas de Guangdong (Fig. 21) incluído no título *Yuedaji*, de Guo Fei, terminado por volta de 1602. Tal como nas duas cartas anteriores, na secção deste mapa onde se representa Macau sobressai o facto do respectivo traçado ampliar em demasia – de novo, de acordo com os critérios figurativos da cartografia europeia – as proporções do Porto Interior. Sobre este, estão ancorados dois navios, assinalados por uma legenda que diz *fanchuan* (barcos bárbaros). Neste caso, basta a observação das figuras desses navios para concluir que se trata de embarcações portuguesas. Figuras idênticas reaparecem nos segmentos da mesma gravura dos litorais de Guangdong que cobrem a área situada entre Sanchoão e a actual Hong Kong⁶⁷, o que assinala os antigos ancoradouros lusos no litoral de Cantão ou, pelo menos, serve como testemunho impressivo da diversidade de sítios que os portugueses então frequentavam nessa zona.

Voltando à secção onde está Macau, constata-se que o estabelecimento português já se encontra representado por meia dúzia de construções, acompanhadas de uma legenda que indica: *Fanren Fangwu* (casas dos bárbaros). Tal como antes indicámos, o nome que aqui designa toda a península é Haojing'ao (Baía da Vieira). Uma outra legenda, com sete caracteres que se transcrevem *You Lulu Zhi Xiangshanxian*, pode ser traduzida assim: “Por aqui, e

pela via terrestre, chega-se ao distrito de Xiangshan”. Na extremidade leste da península, três outros caracteres designam o local da aldeia de Mongha (Wangxia). Esta é a única povoação destacada no conjunto, o que ajuda a confirmar a ideia de que se tratava, senão de um dos mais antigos povoados da península, pelo menos do único que, nesta altura, já adquirira dimensão suficiente para merecer ser assinalado cartograficamente. Ao norte deste local, deparamos com o também assinalado topónimo Fenghuangshan, o que parece corroborar a leitura de que, entre o momento da composição da *Xiangshan Xianzhi* (1547) e este desenho, esta designação de Monte de Fénix deixara de nomear toda a península para acabar por ficar reservada a um pequeno sector da mesma.

Para não deixarmos de referir aquela que talvez seja a mais decisiva das questões etimológicas associadas ao topónimo Macau, aproveitamos esta mesma peça cartográfica para notar que aí foram apostos três caracteres sobre as águas que estão diante do Templo da Barra, os quais que se lêem *Yamagang* (literalmente, “Baía ou Porto da Deusa A-Má”). “Ya” também pode ser pronunciado como “A”, pelo que, nesse caso, passaríamos a ter “Amagang”. Tal torna muito provável que o antigo nome português de Macau – “Amacao” ou “Amagao” – derive daí. É que, em chinês, *gang* é tão nasal como o português “cão” ou “gão”. No caso de “Amacao” ou “Amagao”, teria caído o til, tal como aconteceu em “Curaçau”⁶⁸. Possivelmente por não terem percebido, num primeiro instante, que a península era designada pelos chineses “Haojing'ao”, enquanto “Yamagang” se reservava apenas para a zona marítima do Templo da Barra, os portugueses acabaram por contribuir para a celebridade de um topónimo que, no limite, nada tinha a ver com a leitura original da geografia que representava.

São quase idênticos, incluindo nas dimensões, os dois referidos mapas do distrito de Xiangshan que fazem parte do *Guangdong Guangzhoufu Yutu* (Fig. 22), o primeiro dos quais elaborado para o governo imperial no 24.º ano do reinado de Kangxi (1685). Tirando partido de uma hábil combinação de cores de tons claros e escuros que evoca alguma da mais divulgada pintura chinesa de paisagens da época, estes mapas oferecem uma imagem pormenorizada da ilha de Xiangshan, tomada em perspectiva do quadrante Sul.

Fig. 20 - Mapa xilogravado do litoral de Guangdong. Esta peça cartográfica faz parte da obra *Cangwu Junmenzhi*, tendo sido traçada antes de 1579. Conforme a prática corrente na cartografia chinesa tradicional, grande parte da informação surge nas diversas anotações e legendas, sendo a imagem quase secundária em relação a esse textos. Junto a Macau, uma legenda esclarece: “Os bárbaros residem aqui”.

CARTOGRAFIA

Destacam-se aí os principais acidentes do relevo (todos eles identificados pelos respectivos topónimos) e os perímetros murados da cidade de Xiangshan, no extremo noroeste da ilha, e do posto militar de Qianshan (Qianshanzai = Vila Fortificada da Casa Branca), no limite Sudeste da mesma, diante do istmo que tem do outro lado Macau. Tal como o corpo principal de Xiangshan, a península macaense surge disposta no sentido oeste-este, com Wangxia assinalada no campo extramuros. Todo o edificado do território de Macau apresenta formas orientais e está pontualmente agrupado em pequenos núcleos. Como dissemos, os pormenores dessas construções são muito menos esclarecedores do que aqueles cedidos pela maioria das representações cartográficas ocidentais do

mesmo período, se bem que não passe despercebido que o número de edifícios representados no enclave luso supera em muito o número daqueles que figuram dentro do perímetro da própria capital de distrito. No mesmo sentido, constata-se que a área da península de Macau está sobredimensionada em relação à restante área da ilha de Xiangshan. No segundo destes mapas, lemos alguns caracteres ao lado de duas construções situadas em Macau (indicando São Paulo e a Penha de França), sobre a principal forma de relevo (“Haojing Aoshan” = Monte ou Ilha da Baía da Vieira, como vimos) e junto das casas que representam Wangxia.

É da mesma época a grande carta oficial da prefeitura de Cantão que aparece pintada a cores sobre suporte de seda (Fig. 23) e que, como as duas precedentes, também permanece à guarda do antigo Arquivo Imperial, em Pequim⁶⁹. Tem Cantão, e a sua dupla muralha, no centro do desenho e inclui múltiplas legendas que explicam ou identificam a divisão administrativa da prefeitura, os principais caminhos terrestres, as montanhas e os rios. Esta é a prática

Fig. 21 - Mapa xilogravado que representa o litoral de Guangdong apenas a Yuedaji, de Guo Fei. Está datado de c. 1602. O estabelecimento português de Macau já se encontra representado por meia dúzia de construções, acompanhadas de uma legenda que indica “casas dos bárbaros”. No Porto Interior estão ancorados dois navios, assinalados por uma legenda que diz “barcos bárbaros”.

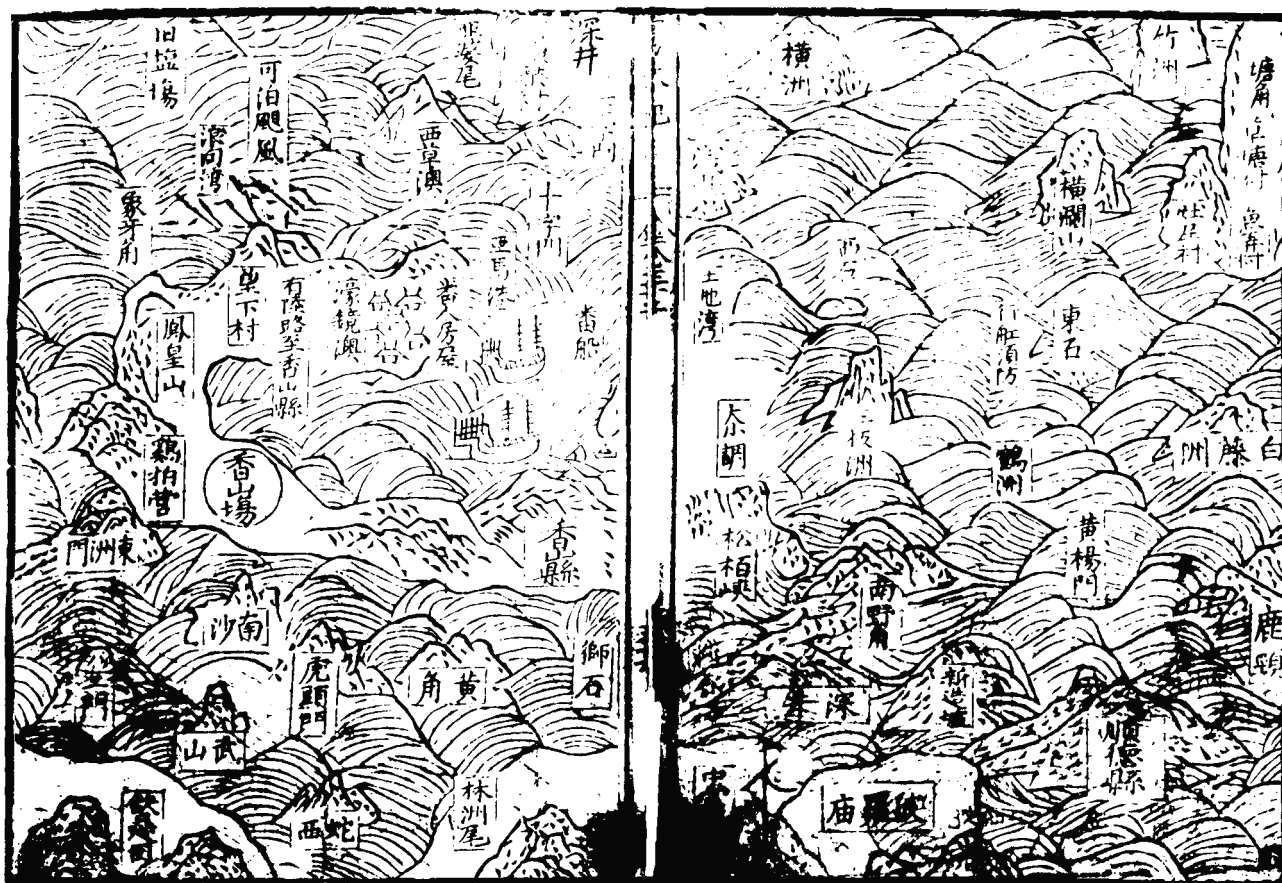




Fig. 22 - Mapa do distrito de Xiangshan, incluído no *Guangdong Guangzhoufu Yutu*. Pintura a cores sobre suporte de seda, datada de 1685. O território de Macau surge identificado como Haojing Aoshan (Monte ou Ilha da Baía da Vieira). Todo o edificado do núcleo urbano luso está desenhado com formas orientais. Na parte superior da ilha de Xiangshan, reconhece-se o perímetro murado da capital de distrito. Frente a Macau está o posto militar de Qianshan (Casa Branca). In *Aomen Lishi Ditu Jingxuan*, pp. 20-21 [Mapa n.º 7].

habitual nos mapas regionais chineses, que tendem a traduzir as preocupações administrativas subjacentes à sua produção com a localização da capital administrativa próxima do respectivo cento geométrico, acompanhada do sacrifício da maioria dos pormenores urbanos, excepto as muralhas, que se desenhavam com dimensões exageradas. Enquanto isto, a ilha de Xiangshan surge na margem inferior do desenho, praticamente alinhada com a capital provincial.

Tanto a escala utilizada para a representação, como os critérios estéticos ou administrativos que condicionam a produção desta carta, acarretaram uma extrema simplificação dos pormenores relativos à ilha de Xiangshan, sobretudo no que respeita ao registo das principais formas de relevo. Os caracteres que indicam Xiangshanxian e Qianshanzai voltam a aparecer

desenhados no interior (sempre quase vazio) dos respectivos muros circulares. Confrontando este desenho de Xiangshan com o que está nas duas cartas anteriores, detecta-se, de imediato, que a respectiva forma surge agora alongada no sentido norte-sul. Por contraste, o território de Macau não só conserva a disposição oeste-este que vinha nesses dois mapas, como perde proporcionalmente menos detalhes relativos aos principais acidentes topográficos que o enquadram.

Tal acabará por suceder naquele mapa da província de Guangdong preparado para a Casa Civil, em 1692 (Fig. 24), ao qual também já antes nos referimos. Aí, é patente que uma escala ainda mais reduzida acabou por impor nova simplificação da geografia interior da ilha de Xiangshan. Curiosamente, enquanto os contornos do seu sector principal surgem

Fig. 23 - Mapa da prefeitura de Cantão (Guangzhou), pintado a cores sobre suporte de seda (1685). As preocupações administrativas subjacentes à cartografia chinesa tradicional fazem com que a cidade de Cantão seja colocada quase no centro geométrico do desenho. A ilha de Xiangshan - com Macau - surge na margem inferior da imagem, praticamente alinhada com a capital provincial.





Fig. 24 - Mapa da província de Guangdong, pintado a cores sobre suporte de seda (1692). As preocupações administrativas subjacentes à cartografia chinesa tradicional fazem com que a cidade de Cantão seja colocada quase no centro geométrico do desenho. A ilha de Xiangshan - com Macau - surge na margem inferior da imagem, praticamente alinhada com a capital provincial.

CARTOGRAFIA

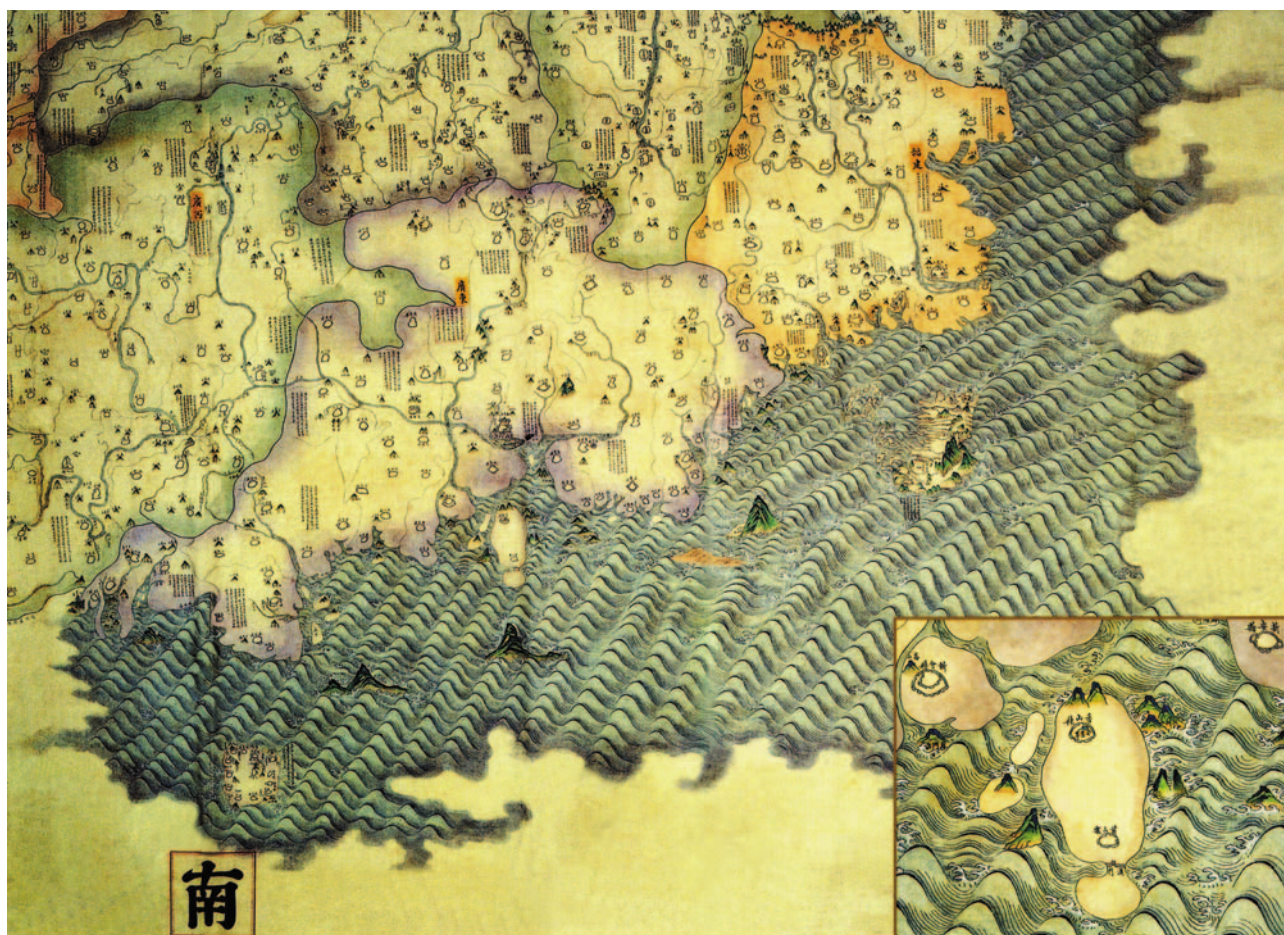


Fig. 25 - Mapa dos litorais da China entre o Guangdong e o Mar Amarelo, pintado a cores sobre suporte de papel. Calcula-se que tenha sido elaborado durante o reinado do imperador Kagnxi (1661-1722). Macau é representado como uma quase-circunferência de grandes proporções. In *Aomen Lishi Ditu Jingxuan*, pp. 40-41.

decalcados da carta da prefeitura de Cantão que acabámos de analisar, a leitura do território de Macau desentende-se quase por completo de qualquer das cartas chinesas mais antigas que analisámos, seja ao nível da forma (que agora como que se “enche”, a ponto de surgir quase circular), seja ao nível da distribuição dos pormenores do terreno (do qual tudo “desaparece”, excepto o traço das Portas do Cerco, a norte, e o cume montanhoso do extremo oposto). A sul das Portas do Cerco, há uma legenda cujos caracteres servem para dar nome ao conjunto do lugar: “Aomen” (Porta da Baía). Sobre a única forma de relevo desenhada, lê-se a legenda a que antes aludimos: “Haojing Aoshan”. Uma terceira legenda indica “Shizimen” (Canal da Taipa).

Se a cronologia estimada estiver correcta, em pleno século XVIII ainda conseguimos encontrar numa carta chinesa manuscrita (Fig. 25) esta figuração de

Macau como uma quase-circunferência de grandes proporções, de tal modo que apenas o estreito segmento fronteiro do istmo impede que o território apareça como umas das principais ilhas de todo o litoral compreendido entre o Guangdong e o Mar Amarelo. Referimo-nos àquele usualmente catalogado como *Shiwushen Zongtu* (Mapa Geral das Quinze Províncias), pintado a cores sobre suporte de papel, e que se calcula tenha sido elaborado durante o reinado do imperador Kangxi (1661-1722)⁷⁰. Trata-se de mais um exemplo da extrema longevidade de certos modelos cartográficos e das implicações que daí decorreram para o realismo e a fidelidade dos espaços codificados nos mapas – salvaguardando sempre, como é evidente, que os conceitos de “realismo” e “fidelidade” aplicados às cartas geográficas ocidentais pouco ou nada têm que ver com o complexo jogo de símbolos que condiciona toda a cartografia chinesa tradicional. **RC**

NOTAS

- 1 Fernão Vaz Dourado, Carta da Ásia Oriental (de Ceilão ao Japão), ms. 1570, in *Atlas Universal* com 17 cartas e 3 folhas com elementos cosmográficos, 1570, The Huntington Library, San Marino, Califórnia (H. M. 41; dimensão 414 x 556 mm).
- 2 Anónimo – Manuel Godinho de Erédia, Planta de Macau, in *Atlas Miscelânea* com 137 cartas, ms. c. 1615-c. 1622, fol. 105r. (desaparecida; dimensão 275 x 200 mm); rep. in *PMC*, vol. 4, est. 421F.
- 3 Pedro Barreto de Resende, Planta de Macau, in António Bocarro, *Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades, e Povoações do Estado da Índia Oriental*, com 48 plantas de Pedro Barreto de Resende (primitivamente 52 plantas), ms. 1635, Biblioteca Pública de Évora/ Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo (Cód. CXV/2-1, planta n.º 47; dimensão 430 x 640 mm).
- 4 Ver Maria Calado, et al., “Macau. Da fundação aos anos 70. Evolução sócio-económica, urbana e arquitectónica”, *Revista de Cultura*, 34 (II série), Janeiro/Abril 1998, p. 88.
- 5 Pedro Barreto de Resende, Planta de Macau, in António Bocarro, *Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades, e Povoações do Estado da Índia Oriental*, com 48 plantas de Pedro Barreto de Resende (primitivamente 52 plantas), ms. 1635; descrição in *PMC*, vol. 5, pp. 62-63.
- 6 Anónimo – João Teixeira Albernaz I, Planta de Macau, in *Plant[as] de las Fortalezas dela Yndia de Portugal*, com 52 plantas sobre desenhos de Pedro Barreto de Resende, ms. c. 1635, Biblioteca Nacional de Madrid (R. 202, planta n.º 51; dimensão 412 x 560 mm); descrição in *PMC*, vol. 5, pp. 63-64.
- 7 António de Mariz Carneiro, Planta de Macau, in *Descripçam da Fortaleza de Sofala, e das mais da Índia, com uma Rellaçam das Religiões todas, que há no mesmo Estado, pelo Cosmografo Mor Antonio de Mariz Carneiro*, com 48 plantas sobre desenhos de Pedro Barreto de Resende, ms. 1639, Biblioteca Nacional de Lisboa (Iluminados n.º 149, planta n.º 47; dimensão 455 x 690 mm); rep. in *Descrição da Fortaleza de Sofala e das mais da Índia – Reprodução do cód. Iluminado 149 da Biblioteca Nacional*, nota introdutória e legendas de Pedro Dias, Lisboa, Fundação Oriente, 1990, est. 51.
- 8 Anónimo, Planta de Macau, in *Livro do Estado da Índia Oriental*, com 70 plantas sobre desenhos de Pedro Barreto de Resende, ms. c. 1636, Bibliothèque Nationale, Paris (“MSS Fonds Portugais n.º 1”; dimensão 422 x 586 mm).
- 9 Pedro Barreto de Resende, Planta de Macau, in *Segunda Parte deste Livro do Estado da Índia* [Oriental], com 76 cartas e plantas, ms. 1646, British Museum, Londres (Sloane MS. 197, planta n.º 75, dimensão 365 x 535 mm); rep. in Charles R. Boxer, *Macau na Época da Restauração*, Lisboa, Fundação Oriente, 1993, p. 20.
- 10 Anónimo – João Nunes Tinoco, Planta de Macau, in “Descrições das Fortalezas da Índia Oriental”, caixa com 70 plantas, ms. 1663, Biblioteca Nacional da Ajuda, Lisboa (Cod. 52-XIV-22 (1), planta n.º 68; dimensão 240 x 360 mm); rep. in L. F. Barreto, *Cartografia...*, p. 47 (não numerada).
- 11 Anónimo, Planta de Macau, in Anónimo – Manuel Godinho de Erédia, *Livro de Plataforma das Fortalezas da Índia*, com 77 plantas, ms. c. 1620, Fortaleza São Julião da Barra, Oeiras (planta n.º 74; dimensão 378 x 233 mm); rep. in *O Livro de Plataforma das Fortalezas da Índia da Biblioteca da Fortaleza de São Julião da Barra*, ed. Rui Carita, Lisboa, Defesa Nacional/Edições Inapa, 1999, fol. 119 (não numerado).
- 12 Anónimo, Planta de Macau impressa [xilografia], in Manuel de Faria e Sousa, *Asia Portuguesa*, vol. 3, Lisboa, Oficina de Antonio Craesbeeck de Mello, 1675, entre pp. 362 e 363 (dimensão 195 x 148 mm); rep. in Luís Silveira, *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, vol. 3, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, s. d. [1956], est. 849, p. 464. Exemplar avulso: Anónimo português, Planta de Macau impressa [xilografia], Biblioteca Pública de Évora/ Instituto dos Arquivos Nacionais-Torre do Tombo (colocação provisória em pasta com indicação “China e Macau” [cota antiga: S. L. Gav. 2, pasta D, n.º 13]; dimensão 210 x 325 mm).
- 13 Anónimo, Planta de Macau, in *Livro de Plataforma das Fortalezas, Cidades, e Povoações do Estado da Índia Oriental*, com 104 plantas, ms. c. 1640, Fundação da Casa de Bragança/Biblioteca do Paço Ducal, Vila Viçosa (“1471”, planta n.º 94; dimensão 272 x 180 mm); rep. in L. F. Barreto, *Cartografia...*, p. 41 (não numerada).
- 14 Anónimo, Planta de Macau, a cores sobre suporte de papel, c. 1678?, Arquivo Histórico Nacional N.º 1 da China, Pequim (dimensão 570 x 740 mm).
- 15 Anónimo, Planta de Macau, sobre tela envernizada, c. 1678?, Arquivo Histórico Nacional N.º 1 da China, Pequim (dimensão 1010 x 1850 mm).
- 16 Ver Pe. Francisco Pimentel, S. J., *Breve relação da jornada que fez à corte de Pekim o Senhor Manoel de Saldanha, embaixador extraordinário del Rey de Portugal ao Emperador da China, e Tartaria (1667-1670)*, ed. Charles R. Boxer & J. M. Braga, Macau, Imprensa Nacional, 1942, apêndice, p. XXXIX.
- 17 Vista de Macau reproduzida na parte interna da tampa de uma arca de madeira, trabalho sino-português anónimo, 1746, Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa (Inv. n.º 2016; dimensão 555 x 842 mm); rep. in Almerindo Lessa, *Macau. Estudos de Antropologia Portuguesa dos Trópicos*, Lisboa, Editora Internacional, 1996, p. 304.
- 18 Vista de Macau reproduzida na tampa de uma arca de madeira, trabalho sino-português anónimo, século XVIII, colecção Comandante Alpoim Calvão, Cascais (dimensão 500 x 870 mm).
- 19 Anónimo chinês, Mapa de Macau impresso, in *Guangdong Tongzhi* (Monografia Geral da Província de Cantão), 1731.
- 20 Anónimo chinês, Mapa de Macau impresso, in *Aomen Jilüe*, 1751; rep. in Yin Guangren & Zhang Rulin, *Aomen Jilüe* (Monografia Abreviada de Macau), fixação paleográfica de Zhao Chunchen, Cantão, Editora do Ensino Superior, 1998, pp. 110-111.
- 21 Anónimo chinês, Mapa de Macau impresso, in *Guangdong Tongzhi*, 1822; rep. in *ibidem*, ed. fac-símile de 1988, Editora Clássicos de Xangai, vol. 2, pp. 2440-2441.
- 22 Mapa parcial da ilha de ilha de Xiangshan, com Qianshan e Macau, 1808, Arquivo Histórico Nacional N.º 1 da China, Pequim.
- 23 António Vasconcelos de Saldanha & Jin Guo Ping, *Para a Vista do Imperador: Memoriais da Dinastia Qing sobre o Estabelecimento dos Portugueses em Macau (1808-1887)*, Macau, Instituto Português do Oriente, 2000, pp. 29-32.
- 24 Anónimo português – Jorge Pinto de Azevedo/André Feio?, Mapa da foz do rio das Pérolas, com a península de Macau, in J. Pinto de Azevedo, “Aduertencias de muita importancia ha Magestosa coroa del Rey Nosso Senhor Dom João o 4º do nome, offerecidas e aprezentadas ao dito Senhor no seu Conselho do Estado da Índia, em mão do Senhor Vice Rey Dom Phelipe Mascarenhas, por Jorge Pinto d’Azevedo, morador na China em Março de 1646”, ms. 1646, Biblioteca da Ajuda, Lisboa (Cod. 54-XI-21, n.º 9; dimensão 435 x 593 mm).
- 25 Anónimo português, Carta náutica do estuário dos rios do Oeste e das Pérolas, com Macau e ilhas adjacentes, s. l.: s. n., ms. finais do século XVI – início do século XVII, Biblioteca Nacional de Lisboa (D. 89 R.; dimensão 807 x 707 mm).
- 26 Identificável com Tumen da actual Hong Kong.
- 27 Identificável com a ilha Shangchuan.
- 28 Anónimo português, Carta náutica do estuário dos rios do Oeste e das Pérolas, com Macau e ilhas adjacentes, medidas de profundidade da lama e do cascalho, tendo por indicações principais “CHINA – TERRA

CARTOGRAFIA

- DAS CONXAS”, ms. meados do século XVIII, Biblioteca Nacional de Lisboa (D. 90 R., dimensão 1250 x 475 mm); rep. in A. Lessa, *Macau...*, p. 139.
- 29 Anónimo português?, Carta de Macau, em papel de arroz?, ms. c. 1610?, Biblioteca Nacional de Lisboa?, rep. in L. Silveira, *Ensaio...*, vol. 3, est. 836, p. 459.
- 30 Ver L. Silveira, *ibidem*, p. 461.
- 31 Ver Jorge Graça, *Fortificações de Macau*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1984, fig. 9, p. 22.
- 32 Ver A. Lessa, Almerindo, *Macau...*, p. 288.
- 33 Anónimo, Planta de Macau impressa, in Hans-Theodor & Hans-Israel de Bry (eds.), *Petis Voyages*, vol. 8, Frankfurt-am-Main, 1606 [ed. alemã] e 1607 [ed. latina] (dimensão 256 x 332 mm).
- 34 Anónimo, Planta de Macau impressa, in Willem J. Blaeu, *Nova et exacta Asiae geographica descriptio*, 1608; cópia de 1685 da reed. por Alexis-Hubert Jaillot de 1679 (dimensão 1230 x 1680 mm); rep. in Thomas Suárez, *Early Mapping of Southeast Asia*, Singapura, Periplus Editions, 1999, pp. 224-225.
- 35 Anónimo, Planta de Macau impressa, in Isaac Commelin, *Begin ende Voortgangh Van de Vereenighde Nederlantsche Geochtroyeerde Oost-Indische Compagnie*, vol. 2, Amsterdão, Jan Jansz, 1646 (dimensão 150 x 200 mm).
- 36 Anónimo, Planta de Macau impressa, in Jan Nieuhoff, *Het Gezantschap Der Neerlandtsche Oost-Indische Compagnie, Aan Den Groten Tartarischen Cham, Den tegenwoordigen Keizer Van China*, Amsterdão, Jacob Van Meurs, 1665 (dimensão 188 x 288 mm).
- 37 Anónimo, Planta de Macau manuscrita, in Johannes Vingboons, *Atlas*, c. 1665, Algemeen Rijksarchief, Haia (dimensão 415 x 580 mm); rep. in L. Silveira, *Ensaio...*, vol. 3, est. 846, p. 462.
- 38 Ver *Monumenta Cartographica*, vol. 1, ed. F. C. Wieders, Haia, Martinus Nijhoff, 1925, p. 20.
- 39 Anónimo, Planta de Macau manuscrita, in Johannes Vingboons, *Atlas*, c. 1665, Algemeen Rijksarchief, Haia (dimensão 415 x 575 mm).
- 40 Anónimo, Planta de Macau impressa, in François Valentyn, *Oud en Nieuw Oost-Indiën, vervattende een naukeurige en uitvoerige verhandeling van Nederlands mogentheid in die gewesten, Dordrecht/Amsterdão*, J. Van Braam, 1724 (dimensão 270 x 360 mm); rep. in C. R. Boxer, *Macau...*, entre pp. 86 e 87.
- 41 Anónimo, Planta de Macau, in François Froger, *Relation du premier voyage des Français à la Chine présenté à monseigneur le comte de Pontchartrain par le Sr. F. Froger...*, ms. post. 1700, Biblioteca da Ajuda, Lisboa (Cod. 52-XIV-23, fol. 64r., não numerado; dimensão 250 x 370 mm).
- 42 Anónimo (N. B.), Planta impressa da cidade e porto de Macau, in *Historische Berchryving Der Reizen...*, *Actste Deel*, Amsterdão, C. Gravenhage, 1749, p. 6 (dimensão 200 x 162 mm); rep. in L. Silveira, *Ensaio...*, vol. 3, est. 858, p. 466.
- 43 Anónimo (N.B.), Planta impressa da cidade e porto de Macau, in *Le Petit Atlas Maritime*, 1764, n.º 57 (dimensão 217 x 170 mm); rep. in L. Silveira, *Ensaio...*, vol. 3, est. 857, p. 466.
- 44 Anónimo, Planta impressa da cidade e porto de Macau, in Sir George Leonard Staunton, *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China*, Londres, W. Bulmer and Co., 1797; rep. in J. Graça, *Fortificações...*, fig. 16, p. 29.
- 45 Anónimo (N. B.)/W. Bramston, “Map of the Town and Harbour of Macao. By N.B. Corrected & Improved by W.B.”, Boston, Pendleton’s Lithography, 1834 (dimensão 396 x 242 mm); rep. in Anders Ljungstedt, *Um Esboço Histórico do Estabelecimento dos Portugueses e da Igreja Católica Romana e das Missões na China*, Macau, Leal Senado de Macau, 1999, fig. 10.
- 46 Anónimo, Mapa da barra de Cantão, in François Froger, *Relation du premier voyage des Français à la Chine*, ms. post. 1700, Biblioteca da Ajuda, Lisboa (Cod. 52-XIV-23, fol. 52v., não numerado; dimensão 590 x 450 mm).
- 47 Anónimo, Mapa da barra de Cantão, in Jean-Baptiste du Halde, *Description Géographique, Historique, Chronologique, Politique, et Physique de l’Empire de la Chine et de la Tartarie Chinoise...* Tome Premier, Paris, Chez P. G. Le Mercier, 1735, entre pp. 222 e 223 (dimensão 250 x 390 mm).
- 48 Anónimo, “Royaume d’Annan Comprenant les Royaumes de Tumkin et de la Cocinchine. Designé par les Peres de la Compagnie de Jesus. A Paris, Chez Pierre Mariette rue St. Jaques a l’Esperance avec Privilege du Roy”, in Daniello Bartoli, *Dell’Historia della Compagnia di Giesu La Cina Terza Parte dell’Asia...*, Roma, Nella Stamperia del Varese, 1663, p. 1 (não numerada).
- 49 Mapa da ilha de Xiangshan (Anção), in *Xiangshan Xianzhi*, (Monografia do Distrito de Xiangshan), obra concluída em 1547.
- 50 Mapa de Guangdong, in Zheng Ruozeng (atrib.), *Chouhai Tubian* (Defesa Marítima Ilustrada), 1562, folhas 7 e 8.
- 51 Mapa de Guangdong, in Zheng Ruozeng, *Zheng Kaiyang Zazhu* (Miscelânea de Zheng Kaiyang), 1572, mapa n.º 8.
- 52 Yin Guangren & Zhang Rulin, *Aomen Jiliu*, anotações de Zhao Chunchen, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1992, cit. p. 23.
- 53 Idem, *ibidem*, cit. p. 38.
- 54 Álvaro Semedo, S. J., *Relazione della Grande Monarchia della Cina del P. Alvaro Semedo Portoghese della Compagnia di Giesu*, Roma, sumptibus Hermanni Scheus, 1643 (no fim: In Roma, Nella Stamparia di Ludouico Grignani. 1643), Parte II, cap. I, cit. p. 211. Na versão castelhana desta obra, preparada pelo polígrafo português Manuel de Faria e Sousa, esta informação é dada de uma forma ligeiramente diversa: “... Desde la Isla de Sanchuan, a outra que se chamou Gaoxã, ay diez i ocho leguas, ya entradas por Reyno Chino” – Álvaro Semedo, S. J., *Imperio de la China. I Cultura Evangelica en el...*, Madrid, Juan Sanchez, 1642, Parte II, cap. 2, cit. p. 224.
- 55 Álvaro Semedo, S. J., *Relação da Grande Monarquia da China*, trad. Luíz Gonzaga Gomes, 2.ª edição, Macau, Direcção dos Serviços de Educação e Juventude/Fundação Macau, 1994, cit. n. 1, p. 291.
- 56 *Zhongshan Wenxian* (Documentação de Zhongshan), Taipé, Livraria Estudantil, 1985, vol. I, p. 85.
- 57 Mapas do distrito de Xiangshan, in *Guangdong Duangzhoufu Yutu* (Atlas da Prefeitura de Cantão da Província de Guangdong), 1685 e c. 1685 (dimensões 495 x 665 mm e 475 x 641 mm); rep. in *Aomen Lishi Ditu Jingxuan* (Tesouros Cartográficos Históricos de Macau), Pequim, Editora da Língua Chinesa, 2000, pp. 20-21 e p. 22.
- 58 Mapa da província de Guangdong, 1692; rep. in *ibidem*, pp. 24-25.
- 59 Wu Zhiliang, et al., *Mingqingshiqi Aomenweni Danganwenxian Huibian* (Coleção de Arquivos e Documentos das Dinastias Ming e Qing Relativos a Macau), vol. 6, Pequim, Edições do Povo, 1999, p. 3.
- 60 *Qingshiqiao* (Esboço da História Oficial dos Qing), Pequim, Livraria China, 1977, p. 2272.
- 61 Ver Jin Guo Ping & Wu Zhiliang, “A Deusa A-Má e os nomes de Macau”. Disponível na internet: <http://www.portugalweb.net/portugal>.
- 62 Secção que inclui Macau do mapa do litoral de Guangdong, in Guo Fei, *Yuedaji* (Grande Crónica de Guangdong), c. 1602; rep. in *ibidem*, ed. anotada da Editora da Universidade de Zhongshan, vol. 2, 1988, p. 914.
- 63 Ver *Revista de Cultura*, edição chinesa, n.º 35, Verão de 1998, p. 200.
- 64 Mapa do litoral de Guangdong, in *Cangwu Junmenzhi* (Crónica Militar de Cangwu), antes de 1579; rep. in ed. fac-símile da ed. xilogravada de 1579, Pequim, Centro de Reproduções e Microfilmagens das Bibliotecas Públicas da China, 1991, p. 91. A *Cangwu Junmenzhi* conheceu 3 edições. A primeira data de 1552. Foi revista por volta de 1573. A última versão foi de 1579. Nesta peça, ainda não figura a Porta do Cerco.
- 65 Mapa do litoral de Guangdong, in Xie Jie, *Qiantai Wocuan* (Informações sobre a Pirataria Japonesa); rep. in edição fac-símile Pequim, Biblioteca Nacional da China, 1947, vol. 1, p. 3b.

CARTOGRAPHY

- 66 O dez em chinês (十) é semelhante a uma cruz simples.
- 67 Secções dos litorais entre Sanchoão e Hong Kong do mapa do litoral de Guangdong, in Guo Fei, *Yuedaji*, c. 1602; rep. in *ibidem*, ed. anotada da Editora da Universidade de Zhongshan, vol. 2, 1988, pp. 911, 913 e 917.
- 68 Sobre esta questão, confrontem-se as (sucessivas) leituras deixadas pelos jesuítas Michele Ruggieri e Matteo Ricci no *Dicionário Português-Chinês* que compuseram c. 1583-1587 (ver ed. John W. Witek, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2001, fol. 169r.), por Matteo Ricci nos seus *Commenratj della Cina* (in *Fonti Ricciane*, ed. Pasquale M. d'Elia, Roma, La Libreria dello Stato, 1942, vol. 1, pp. 151-152), pelo frade arrábido setecentista José de Jesus Maria na sua *Ásia Sílica e Nipónica* (ed. Charles R. Boxer, Macau, Instituto Cultural de Macau e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1988, vol. 1, p. 77) e pelo mesmo Charles Boxer nas anotações que preparou para esta última obra (*ibidem*, pp. 77-78, n. 1).
- 69 Mapa da prefeitura de Cantão (Guangzhou), 1685 (dimensão 1430 x 1030 mm).
- 70 Mapa dos litorais da China entre o Guangdong e o Mar Amarelo, 1661-1722, Arquivo Histórico Nacional N.º 1 da China, Pequim (dimensão 2400 x 2880 mm).

BIBLIOGRAFIA

- Amaro, Ana Maria, *Das Cabanas de Palha às Torres de Betão – Assim Cresceu Macau*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas/Livros do Oriente, 1998.
- Aomen *Lishi Ditu Jingxuan* (Tesouros Cartográficos Históricos de Macau), Pequim, Editora da Língua Chinesa, 2000.
- As Ruínas de S. Paulo – Um Monumento para o Futuro / St. Paul's Ruins – A Monument Towards the Future*, catálogo da exposição homónima (Lisboa, Sociedade Nacional de Belas-Artes, 5 a 28 de Setembro de 1994; Macau, 22 de Novembro a 31 de Dezembro de 1994), Macau/Lisboa, Instituto Cultural de Macau/Missão de Macau em Lisboa, 1994.
- Barreto, Luís Filipe, *Cartografia de Macau. Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Missão de Macau em Lisboa, 1997.
- Bartoli, Daniello, *Dell'Historia della Compagnia di Giesu La Cina Terza Parte dell'Asia Descritta dal P. Daniello Bartoli Dela medesima Compagnia*, Roma, Nella Stamperia del Varese, 1663.
- Bessa, Carlos, “Macau e a China. Um só combate em rara relação de séculos”, in *Nova História Militar de Portugal*, vol. 3, dir. Manuel Themudo Barata & Nuno Severiano Teixeira, Lisboa, Círculo de Leitores, 2004, pp. 315-322.
- Boxer, Charles R., *Obra Completa de Charles Ralph Boxer*, vol. 1, *Estudos para a História de Macau. Séculos XVI a XVIII*, t. 1, Lisboa, Fundação Oriente, 1991.
- , *Obra Completa de Charles Ralph Boxer*, vol. 2, *Macau na Época da Restauração (Macao Three Hundred Years Ago)*, Lisboa, Fundação Oriente, 1993.
- Cação, Armando, “A Fundação do Chunambeiro e as Muralhas de Macau”, in Fernando António Baptista Pereira (coord.), *Os Fundamentos da Amizade. Cinco Séculos de Relações Culturais e Artísticas Luso-Chinesas – Catálogo da Exposição*, Macau, Centro Científico e Cultural de Macau, 1999, pp. 71-73.
- Calado, Maria; Mendes, Maria Clara; Toussant, Michael, “Macau – Da fundação aos anos 70. Evolução sócio-económica, urbana e arquitectónica”, *Revista de Cultura*, 34 (II série), Janeiro/Abril 1998, pp. 75-146.
- Carneiro, António de Mariz, *Descrição da Fortaleza de Sofala e das mais da Índia – Reprodução do cód. iluminado 149 da Biblioteca Nacional*, nota introdutória e legendas de Pedro Dias, Lisboa, Fundação Oriente, 1990.
- Carvalho, A. Ayres de, *Catálogo da Coleção de Desenhos*, Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros/Biblioteca Nacional, 1977.
- Cid, Isabel, *Macau e o Oriente na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora (Séculos XVI a XIX)*, Macau, Instituto Cultural de Macau/Arquivos Nacionais-Torre do Tombo/Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, 1996.
- Colomban, Eudore, *Resumo da História de Macau, refundido e aumentado pelo editor Jacinto José do Nascimento Moura*, Macau, Tipografia do Orfanato da I. C., 1927.
- Cortesão, Armando; Mota, Avelino Teixeira da (eds.), *Portugaliae Monumenta Cartographica*, vols. 3-5, Lisboa, s. ed., 1960 (reeditada em 1987).
- Costa, Maria de Lourdes Rodrigues, *História da Arquitectura em Macau*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1997.
- Davison, Julian; Tan Lay Kee, *Mapping the Continent of Asia*, Singapura, Antiques of the Orient, 1994.
- De Bry, Teodoro, *Asia y África (1597-1628)*, edición a cargo de Gereon Sievernich, traducción de Carlos Fortea, Madrid, Ediciones Sirueta, 1999.
- Du Halde, S. J., Jean-Baptiste, *Description Géographique, Historique, Chronologique, Politique, et Physique de l'Empire de la Chine et de la Tartarie Chinoise, Enrichie des Cartes Générales et Particuliers de ces Pays, de la Carte générale & des Cartes particuliers du Thibet, & de la Corée, & ornée d'un grand nombre de Figures & de Vignettes gravées en Taille-douce. Par le P. J. B. Du Halde, de la Compagnie de Jesus, Tome Premier*, Paris, Chez P. G. Le Mercier, 1735.
- Foss, Theodore N., “Uma Interpretação Ocidental da China – Cartografia Jesuíta”, in *Revista de Cultura*, 21 (II série), Outubro/Dezembro 1994, pp. 129-151.
- Froger, François, *Relation du premier voyage des Français a la Chine présenté à monseigneur le conte de Pontchartrain par le Sr. F. Froger... Relation du premier voyage des François a la Chine fait en 1698, 1699 et 1700 sur le Vaisseau l'Amphitrite du port de 500 tonneaux, armé de 30 pieces de canon, et de 150 hommes d'équipage, commandé par Monsieur De la Roque, Capitaine de fregate legere, Cheualier de l'Ordre militaire de St. Louïs*, ms. post. 1700 (Biblioteca da Ajuda, Lisboa, Cod. 52-XIV-23).
- Graça, Jorge, *Fortificações de Macau – Conceção e História*, 3.^a ed., Macau, Instituto Cultural de Macau, 1984.
- , *Fortifications of Macao, Their Design and History*, Macau, Imprensa Nacional de Macau, 1969.
- Gran Atlas Johannes Blaeu – Siglo XVII*, Madrid, Editorial Libsa, 2000.

CARTOGRAFIA

- Guerreiro, Inácio, “Pedro Barreto de Resende”, in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, vol. 2, ed. Luís de Albuquerque, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 944-945.
- Guimarães, Ângela, “A Conjuntura Política: antes de Hong Kong”, in *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 3, dir. de A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Fundação Oriente, 2000, pp. 11-33.
- Jesus Maria, Fr. José de, *Ásia Sínica e Nipónica*, vol. 1, ed. Charles R. Boxer, Macau, Instituto Cultural de Macau e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1988.
- Jin Guo Ping & Wu Zhiliang, “A Deusa A-Má e os nomes de Macau”. Disponível na internet: <http://www.portugalweb.net/portugal>.
- , *Dongxiwangyang* (Em Busca de História(s) de Macau Apagadas pelo Tempo), Macau, Associação de Educação de Adultos, 2002, pp. 290-295.
- Kammerer, Albert, *La Découverte de la Chine par les Portugais au XVème Siècle et la Cartographie des Portulans*, Leyden, E. J. Brill, 1944.
- Leão, Francisco G. Cunha, *Macau e o Oriente na Biblioteca da Ajuda*, Macau, Instituto Cultural de Macau/Instituto Português do Património Arquitectónico/Biblioteca da Ajuda, 1998.
- Lessa, Almerindo, *Macau. Estudos de Antropologia Portuguesa dos Trópicos*, Lisboa, Editora Internacional, 1996.
- Ljungstedt, Anders, *Um Esboço Histórico do Estabelecimento dos Portugueses e da Igreja Católica Romana e das Missões na China & Descrição da Cidade de Cantão*, Macau, Leal Senado de Macau, 1999.
- Lourido, Rui d’Ávila, “A Portuguese Seventeenth-Century Map of the South China Coast”, in *Santa Barbara Portuguese Studies*, 1, 1994, pp. 240-271.
- Macau: *Cartography of the West-East Encounter*, Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, s.d.
- Marreiros, Carlos, “Traces of Chinese and Portuguese Architecture”, in *Macau. City of Commerce and Culture*, ed. R. D. Cremer, Hong Kong, The University of East Asia Press, 1987, pp. 87-102.
- Matos, Artur Teodoro de (apresentação, leitura e notas), “‘Advertências e Queixumes’ de Jorge Pinto de Azevedo a D. João IV, em 1646, sobre a Decadência do Estado da Índia e o Proveito de Macau na sua Restauração”, in *Povos e Culturas*, 5, 1996, pp. 431-545.
- Monumenta Cartographica – Reproductions of unique and rare maps, plans and views in the actual size of the originals; accompanied by cartographical monographs*, vol. 1, ed. F. C. Wiedner, Haia, Martinus Nijhoff, 1925.
- Moreland, Carl; Bannister, David, *Antique Maps*, Londres, Phaidon Press, 1995.
- O Livro de Plataforma das Fortalezas da Índia da Biblioteca da Fortaleza de São Julião da Barra*, edição fac-símile com estudo de Rui Carita, Lisboa, Defesa Nacional/Edições Inapa, 1999.
- Oliveira, Francisco Roque de, *A Construção do Conhecimento Europeu sobre a China, c. 1500 - c. 1630. Impressos e Manuscritos que Revelaram o Mundo Chinês à Europa*, Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona, 2003, pp. 1344-1348. Disponível na internet: <http://www.tdx.cesca.es/TDX.1222103-16016/>
- Pereira, A. Marques, *As Alfândegas Chinesas de Macau. Analyse do Parecer da Junta Consultiva do Ultramar sobre o objecto*, Macau, Typographia de J. da Silva, 1870.
- Pimentel, Pe. Francisco, *Breve Relação da Jornada que Fez à Corte de Pekim o Senhor Manoel de Saldanha, Embaixador Extraordinário do «l Rey de Portugal ao Emperador da China, e Tartaria (1667-1670)*, ed. Charles R. Boxer & J. M. Braga, Macau, Imprensa Nacional, 1942.
- Porter, Jonathan, *Macau: the Imaginary City. Culture and Society, 1557 to the Present*, Boulder, Westview Press, 2000.
- Qingshigao* (Esboço da História Oficial dos Qing), Pequim, Livraria China, 1977.
- Ricci S. J., Matteo, *Fonti Ricciane*, vol. 1, ed. Pasquale M. d’Elia, Roma, La Libreria dello Stato, 1942.
- Ruggieri S. J., Michele; Ricci, S. J., Matteo, *Dicionário Português-Chinês*, ed. John W. Witek, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2001.
- Saldanha, Vasconcelos de Saldanha; Jin Guo Ping, *Para a Vista do Imperador: Memoriais da Dinastia Qing sobre o Estabelecimento dos Portugueses em Macau (1808-1887)*, Macau, Instituto Português do Oriente, 2000.
- Schilder, Günther, *Monumenta Cartographica Neerlandica*, 7 vols., Alphen aan den Rijn, Uitgeverij “Caneletto”/Repro-Holland, 1986-2003.
- Semedo, S. J., Álvaro, *Imperio de la China. I Cultura Evangelica en el, por los Religios (sic) de la Compañia de Jesus. Compuesto por el Padre Alvaro Semedo de la propria Compañia, natural de la Villa de Nisa en Portugal... Publicado por Manuel de Faria i Sousa, Cavallero de la Orden de Christo, i de la Casa Real...*, Madrid, Juan Sanchez, a costa de Pedro Coello, mercader de libros, 1642.
- , *Relação da Grande Monarquia da China*, trad. do italiano por Luíz Gonzaga Gomes, 2.ª edição, Macau, Direcção dos Serviços de Educação e Juventude/Fundação Macau, 1994.
- , *Relatione della Grande Monarchia della Cina del P. Alvaro Semedo Portoghese della Compagnia di Giesu*, Roma, sumptibus Hermanni Scheus (no fim: In Roma, Nella Stamparia di Ludouico Grignani.), 1643.
- Silva, Beatriz Basto da, *Cronologia da História de Macau*, vol. 1, Macau, Direcção dos Serviços de Educação, 1992.
- Silveira, Luís (ed.), *Livro das Plantas das Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado Português da Índia*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1988.
- , *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, vol. 3, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, s.d. [1956].
- Smith, Richard J., *Chinese Maps*, Hong Kong, Oxford University Press, 1996.
- Suárez, Thomas, *Early Mapping of Southeast Asia*, Singapura, Periplus Editions, 1999.
- Tan Shibao, “Macao, Macau (Majiao) Yu Aomen, Majiao Dngci Kaobian” (Um estudo analítico sobre os topónimos Macao, Macau e outros), in *Revista de Cultura*, edição chinesa, 35, Verão de 1998, pp. 187-200.

CARTOGRAPHY

- Tang Kaijian, “Zhu Huai Xinxiu Xiangshan Xianzhi Aomentu Yanjiu” (Um estudo sobre o mapa de Macau, publicado na Nova Monografia de Xianshan de Zhu Huai), in *Jinan Xuebao* (Boletim da Universidade de Jinan), 3, 2000, pp. 62-71.
- , “Yongzheng Guangdong Tongzhi Aomentu Yanjiu” (Um estudo sobre o mapa de Macau, publicado na Crónica Geral da Província de Guangdong, do Reinado de Yongzheng), in *Jinan Xuebao* [Boletim da Universidade de Jinan], 6, 2000, pp. 54-60.
- , “Macau. Notas sobre a evolução urbana e arquitectónica durante a dinastia Ming”, in *Revista de Cultura*, 34 (II série), Janeiro/Abril 1998, pp. 47-74.
- , “Yongzheng Guangdong Tongzhi Aomentu Yanjiu” (Um estudo sobre o mapa de Macau, publicado na Crónica Geral da Província de Guangdong, do reinado de Yongzheng), in *Revista de Cultura*, edição chinesa, 41-42, Primavera e Verão de 2000, pp. 84-92.
- , “Jiaqing Shisannian Aomen Xiangshitu Yanjiu” (Um estudo sobre o mapa de Macau de 1808), in *Revista de Cultura*, edição chinesa, 41-42, Primavera e Verão de 2000, pp. 93-98.
- Wu Zhiliang, *Segredos da Sobrevivência. História Política de Macau*, Macau, Associação de Educação de Adultos de Macau, 1999.
- Wu Zhiliang, et al., *Mingqingshiqi Aomenwenji Danganwenxian Huibian* (Colecção de Arquivos e Documentos das Dinastias Ming e Qing relativos a Macau), Pequim, Edições do Povo, 1999.
- Yin Guangren; Zhang Rulin, *Aomen Jilüe* (Monografia Abreviada de Macau), anotações de Zhao Chunchen, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1992.
- , *Aomen Jilüe*, fixação paleográfica de Zhao Chunchen, Cantão/Guangzhou, Editora do Ensino Superior, 1998.
- Zhongshan Wenxian* (Documentação de Zhongshan), Taipé, Livraria Estudantil, 1985, vol. I, p. 85